

REDONDILHAS

Luís de Camões

Amor cuja providência (1595 - redondilha 038)
Amor que em meu pensamento (1595 - redondilha 032)
Ana quisestes que fosse (1668 - redondilha 033)
Aquele cativa (1595 – redondilha 106)
Aquele rosto que traz (1595 - redondilha 062)
A verdura amena (1598 redondilha 014)
Baixos e honestos andais (1595 - redondilha 081)
Campo, que te estendes (1598 - redondilha 011)
Campos cheios de prazer (1595 - redondilha 051)
Caterina é mais formosa (1595 - redondilha 060)
Cinco galinhas e meia (1616 - redondilha 101)
Conde, cujo ilustre peito (1595 - redondilha 112)
Corre sem vela e sem leme (1595 - redondilha 117)
Costumadas artes sao (1595 - redondilha 071)
Cousa que este corpo não tem (1595 - Redondilha 063)
Cum real de amor (1598 - redondilha 093)
Da lindeza vossa (1595 - redondilha 026)
Dama d'estranho primor (1595 - redondilha 015)
D'Amor e seus danos (1595 - redondilha 105)
De maneira me sucede (1668 - redondilha 056)
Depois de sempre sofrer (1595 - redondilha 031)
Después que Amor me formo (1595 - redondilha 083)
Desde que una vez miré (1616 - redondilha 035)
De ver-vos a não vos ver (1595 - redondilha 077)
Dióme Amor tormentos dos (1595 - redondilha 073)
Dotou em vos natureza (1595 - redondilha 007)
Dous tormentos vejo (1616 - redondilhas 004)
É muito pera notar (1595 - redondilha 041)
Eles verdes são (1595 – redondilha 012)
Entre estes penedos (1598 - redondilha 010)
E se a pena não me atija (1598 - redondilha 085)
Esses alfinetes vao (1595 - redondilha 022)
Este mundo es el camino (1595 - redondilha 115)
Este tempo vão (1595 – redondilha 002)
Eu, pera levar a palma (1668 - redondilha 091)
Eu sou boa testemunha (1595 - redondilha 013)
Falsos loores os dán (1595 - redondilha 048)
Foi a Esperança julgada (1595 - redondilha 065)
Ja'gora certo conheço (1598 - redondilha 088)
Juravas-me que outras cabras (1598 - redondilha 057)
Leva na cabeça o pote (1668 - redondilha 053)

Madre. si me fuere (1595 - redondilha - 089)
Menina mais que na idade (1595 - redondilha 040)
Mi corazón me han robado (1595 - redondilha 068)
Mi nueva y dulce querella (1595 - redondilha 069)
N'alma ua so ferida (1598 - redondilha 086)
Nao posso chegar ao cabo (1616 - redondilha 100)
Não sabendo Amor curar (1595 - redondilha 043)
Não sei quem assela (1598 - redondilha 019)
Não vos guardei, quando vinha (1668 - redondilha 055)
Ninguém vos pode tirar (1616 - redondilha 008)
Nos seus olhos belos (1616 - redondilha 005)
N'ũa casada fui pôr (1595 - redondilha 064)
Nunca em prazeres passados (1668 - redondilha 084)
Nunca o prazer se conhece (1595 - redondilha 029)
O coração envejoso (1595 - redondilha 066)
Olhai que dura sentença (1595 - redondilha 042)
Os bons vi sempre passar (1598 - redondilha 116)
Os gostos, que tantas dores (1598 - redondilha 082)
Os privilégios que os reis (1595 - redondilha 052)
Para evitar dias maus (1860 - redondilha 049)
Peço-vos que me digais (1595 - redondilha 020)
Pelo meu apartamento (1616 - redondilha 024)
Para quem vos soube olhar (1595 - redondilha 072)
Perdigão, que o pensamento (1598 - redondilha 092)
Pois a tantas perdições (1598 - redondilha 027)
Pois onde te hão-de falar? (1616 - redondilha 103)
Pois o ver-vos tenho em mais (1595 - redondilha 045)
Por cousa tão pouca (1595 - redondilha 017)
Posible es a mi cuidado (1595 - redondilha 059)
Posto o pensamento nele (1616 - redondilha 054)
Pues me distes tal herida (1668 - redondilha 030)
Quando me quer enganar (1595 - redondilha 023)
Quando vos eu via (1595 - redondilha 003)
Que diabo há tão danado (1616 - redondilha 109)
Quem no mundo quiser ser (1595 - redondilha 108)
Quem põe suas confianças (1616 - redondilha 036)
Quem quer que viu, ou que leu (1595 - redondilha 099)
Quem tão mal vos empregou (1595 - redondilha 079)
Quem viveu sempre num ser (1595 - redondilha 080)
Querendo Amor esconder-vos (1668 - redondilha 039)
Querendo escrever um dia (1595 - redondilha 006)
Quereres profano Amor (1595 - redondilha 107)
Reinando Amor em dous peitos (1595 redondilha 090)
Se de dó vestida andais (1595 - redondilha 061)
Se derivais de verdade (1595 - redondilha 018)
Se de saudade (1595 – redondilha 021)
Se desejos fui jà ter (1595 - redondilha 076)

Se me for e vos deixar (1598 - redondilha 087)
Se na alma e no pensamento (1598 - redondilha 097)
Se não quereis padecer (1595 - redondilha 113)
Se só no ser puramente (1595 - redondilha 034)
Se trocar desejo (1595 - redondilha 025)
Se vos quereis embarcar (1668 - redondilha 050)
Sem olhos vi o mal claro (1598 - redondilha 098)
Sendo os restos envidados (1595 - redondilha 114)
Senhora, se eu alcançasse (1595 - redondilha 001)
Sepa quién padece (1616 - redondilha 095)
Sôbolos rios que vôo (1595 - redondilha 118)
Só porque é rapaz ruim (1598 - redondilha 094)
Suspeitas que me quereis (1595 - redondilha 016)
Tanto maiores tormentos (1595 - redondilha 028)
Tem tal jurdição Amor (1595 - redondilha 046)
Tenho-me persuadido (1595 - redondilha 070)
Tiempo perdido es aquel (1595 - redondilha 047)
Todo o trabalhado bem (1595 - redondilha 044)
Trataram-me com cautela (1595 - redondilha 075)
Tudo tendes singular (1616 - redondilha 009)
Ûa Dama, de malvada (1595 - redondilha 067)
Ûa diz que me quer bem (1595 - redondilha 078)
Ved que enganos señoorea (1595 - redondilha 058)
Vêm-se rosas e boninas (1616 - redondilha 104)
Vendo amor que, com vos ver (redondilha 037)
Vi-o moço o pequenino (1595 - redondilha 074)
Viver eu, sendo mortal (1595 - redondilha 111)
Vossa Senhoria creia (redondilha 110)
[Vós] sois ua Dama (1668 - redondilha 096)
—Vuelve acá, no estês pasmado (1616 - redondilha 102)

38.
Glosa

*a este moto alheio:
Sem vós e com meu cuidado
olhai com quem, e sem quem.*

Amor, cuja providência
foi sempre que não errasse,
porque n'alma vos levasse,
respeitando o mal de ausência
quis que em vós me transformasse.
E vendo-me ir maltratado,
eu e meu cuidado sós,
proveio nisso, de atentado,
por não me ausentar de vós,
sem vós e com meu cuidado.

Mas est'alma que eu trazia
porque vós nela morais,

deixa-me cego, e sem guia;
que há por melhor companhia
ficar onde vós ficais.
Assi me vou de meu bem
onde quer a forte estrela,
sem alma, que em si vos tem,
co mal de viver sem ela:
olhai com quem, e sem que

32.
Glosa

*a este moto seu (acróstico):
A morte, pois que sou vosso,
não na quero, mas se vem,
[h]a-de ser todo meu bem.*

Amor, que em meu pensamento
com tanta fé se fundou,
me tem dado um regimento
que, quando vir meu tormento,
me salve com cujo sou.
E com esta defesa,
com que tudo vencer posso,
diz a causa ao coração:
não tem em mim jurisdição
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar um dia
Amor se me achava forte
nesta fé, como dizia,
me convidou com a morte,
só por ver se a tomaria.
E, como ele seja a cousa
onde está todo o meu bem,
respon-di-lhe (como quem
quer dizer mais, e não ousa):
não na quero, mas se vem...

Não disse mais, porque então
entendeu quanto me toca;
e se tinha dito o não,
muitas vezes diz a boca
o que nega o coração.

Toda a cousa defendida
em mais estima se tem:
por isso é cousa sabida
que perder por vós a vida
[h]a-de ser todo meu bem.

33.
A B C em motos

AAAA

Ana quisestes que fosse
o vosso nome da pia,
para mor minha agonia.
Apeles, se fora vivo
e a ver-vos alcançara,
por vós retratos tirara.
Aquiles morreu no templo,
contemplando de gíolhos;
eu, quando vejo esses olhos.
Artemisa sepultou
a seu irmão e marido;
vós a mim, e a meu sentido.

B

Bem vejo que sois, Senhora,
extremo de fermosura,
para minha sepultura.

CC

Cleópatra se matou
vendo morto a seu amante;
e eu por vós, em ser constante.
Cassandra disse de Tróia
que havia ser destruída;
e eu por vós, d'alma e da vida.

DD

Dido morreu por Enéas,

e vós matais quem vos ama;
julgai se sois cruel dama!

Dianira, inocente,
da má morte causadora;
vós, da minha, sabedora.

E

Eurídice foi a causa
de Orfeu ir ao Inferno;
vos, de ser meu mal eterno.

FF

Fedra, só de puro amor,
morreu por seu enteado;
eu, morro de desamado.
Febo vai escurecendo
ante vossa claridade;
e eu, sem ter liberdade.

GG

Galateia sois, Senhora,
Da fermosura extremo;
e eu, perdido Polifemo.
Genebra, que foi rainha,
se perdeu por Lançarote;
e vós, por me dar a morte.

HH

Hércules, uma camisa
de chamas o consumiu;
minha alma, dêis que vos viu.
Hébis e Dido morreram
com origor da mudança;
eu, vendo vossa esquivança.

JJJ

Judit, que o duro Holofernes

degolou, se viva fora,
mate lhe déreis, Senhora.

Júlio César conquistou
o mundo com fortaleza;
vós a mim com gentileza.

Júlio César se livrou
dos imigos com abrolhos;
eu, não posso desses olhos.

Jazia-se o Minotauro
preso no seu labirinto;
mas eu mais preso me sinto.

LL

Leandro se afogou
e foi sua causa Hero;
e a mim o que vos quero.

Leandro se afogou
no mar de sua bonança;
eu, no de vossa esperança.

MM

Minerva dizem que foi,
e Palas, deusas da guerra:
e vós, Senhora, da terra.

Medeia foi mui cruel,
mas não chegou a metade
de vossa grã crueldade.

NN

Narciso o siso perdeu
em vendo a sua figura;
eu, por vossa fermosura;
Ninfas enganam mil Faunos
com seu ar e fermosura;
e, a mim, vossa figura.

OO

Os olhos choram o dano
que em vos verem sentiram,

mas eu pago o que eles viram.
Orfeu com a doce harpa
venceu o reino de Plutão;
vós a mim, com perfeição.

PP

Páris a Helena roubou,
por quem Tróia foi perdida;
e vós a mim, alma e vida.
Pirro matou Policena,
perfeita em todos sinais;
e vós a mim me matais.

QQ

Quanto mais desejo ver-vos,
menos vos vejo, Senhora:
não vos ver melhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Actéon perdeu a vida,
que eu por vós trago perdida.

RR

Remédio nenhum não vejo
que romedeie meu mal;
nem crueza à vossa igual.
Roma o mundo sujeita
com armas, saber, temor
vós a mim só por amor.

S

Sirena, na mor fortuna
com enganos vai cantando;
e vós, sempre a mim matando.

TT

Tisbe morreu por Píramo,
a ambos matou o Amor;

a mim, vosso desfavor.
Tisbe pelo seu amante
morreu com amor sobejo;
mas eu mais morto me vejo.

WW

Vénus, que por mais fermosa
lhe deu Páris a maçã,
não foi quanto vós louçã.
Vénus levou a maçã
por vós não serdes, Senhora,
nascida naquela hora.

XX

Xpõ vos acabe em graça,
e vos faça piadosa
tanto, quanto sois fermosa.
Xantopea tornou atrás
por Apónio a invocar;
e vós não, a meu chamar.

106. Trovas

*a ãa cativa com quem andava
de amores na Índia, chamada
Bárbora*

Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
nem no céu estrelas,
me parecem belas

como os meus amores.

Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

ũa graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas bárbara não.

Presença serena
que a tormenta amansa;
nela enfim descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.

62. Cantiga

*a Dona Guiamar de Blasfé,
que se queimara no rosto
com ũa vela*

MOTO:

*Amor que todos ofende
teve, Senhora, por gosto,
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas acende.*

VOLTAS

Aquele rosto que traz
o mundo todo abrasado,
se foi da flama tocado,
foi porque sinta o que faz.
Bem sei que Amor se lhe rende;
porém o seu pros[s]uposto
foi sentir o vosso rosto
o que nas almas acende.

14. Cantiga

*a este meto seu:
Se Helena apartar do
campo seus olhos,
nascirão abrolhos.*

VOLTAS

A verdura amena,
gados, que pasceis,
sabei que a deveis
aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
faz flores de abrolhos
o ar de seus olhos.

Faz serras floridas,
faz claras as fontes:
se isto faz nos montes,
que fará nas vidas?
Trá-las suspendidas
como ervas em molhos,
na luz de seus olhos.

Os corações prende
com graça inumana
de cada pestana
ü alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
e, posto em giolhos,
pasma nos sua olhos

81.
Cantiga

a ùa Dama que lhe virou o rosto
MOTO

Olhos, não vos mereci
que tendeis tal condição:
tão liberais para o chão,
tão irosos para mi.

VOLTAS

Baixos e honestos andais,
por vos negardes a quem
não quer mais que aquele bem
que vós no chão espalhais.
Se pouco vos mereci,
não me estimais mais que o chão,
a quem vós o galardão
dais, e mo neguis a mi.

***011**

Campo, que te estendes

Esta redondilha não foi disponibilizado pela
FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional ,
<<http://www.fccn.pt>>
que realizou a edição digital desta obra.

Agradecemos sua compreensão.

51.
Glosa

a este mato alheio:
Campos bem-aventurados,
tornai-vos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre são já passados.

Campos cheios de prazer,
vós, que estais reverdecendo,
já me alegrei com vos ver;
agora venho a temer
que entristeçais em me vendo.

E, pois a vista alegrais
dos olhos desesperados,
não quero que me vejais,
para que sempre sejais
campos bem-aventurados.

Porém, se por acidente,
vos pesar de meu tormento,
sabereis que Amor consente
que tudo me descontente,
senão descontentamento.

Por isso vós, arvoredos,
que já nos meus olhos vistes
mais alegrias que medos,
se mos quereis fazer ledos,
tornai-vos agora tristes.

Já me vistes ledo ser,
mas depois que o falso Amor
tão triste me fez viver, .
ledos folgo de vos ver,
porque me dobreis a dor.

E se este gosto sobejo
de minha dor me sentistes,
julgai quanto mais desejo
as horas que vos não vejo
que os dias em que me vistes.

O tempo, que é desigual,
de secos, verdes vos tem;
porque em vosso natural
se muda o mal para o bem,
mas o meu para mor mal.
Se perguntais, verdes prados,
pelos tempos diferentes
que de Amor me foram dados,
tristes, aqui são presentes,
alegres, já são passados.

60.
Cantiga

*a este moto alheio:
Caterina bem promete;
eramá I como ela mente I*

VOLTAS

Caterina é mais fermosa
para mim que a luz do dia;
mas mais fermosa seria
se não fosse mentirosa.
Hoje a vejo piadosa,
amanhã tão diferente
que sempre cuido que mente.

Caterina me mentiu
muitas vezes, sem ter lei,
mas todas lhe perdoei
por ùa só que cumpriu.
Se, como me consentiu
falar, o mais me consente,
nunca mais direi que mente.

Má, mentirosa, malvada,
dizei: para que mentis?
Prometeis, e não cumpris?
Pois sem cumprir, tudo é nada.
Não sois bem aconselhada;
que quem promete, se mente,
o que perde não no sente.

Jurou-me aquela cadela
de vir, pela alma que tinha;
enganou-me; tem a minha;
dá-lhe pouco de perdê-la.
A vida gasto após ela,
porque ma dá se promete,
mas tira-ma quando mente.

Tudo vos consentiria
quanto quisésseis fazer,
se esse vosso prometer
fosse prometer um dia
todo então me desfaria

convosco; e vós, de contente,
zombaríeis de quem mente.

Prometou-me ontem de vir,
nunca mais me apareceu;
creio que não prometeu
senão só por me mentir.
Faz-me enfim chorar e rir;
rio quando me promete,
mas choro quando me mente.

Mas pois folgais de mentir,
prometendo de me ver,
eu vos deixo o prometer,
deixai-me vós o cumprir:
haveis então de sentir
quanto fica mais contente
o que cumpre que o que mente.

101.
Volta

*a D. António, senhor de Cascais,
que prometera a Luís de Camões seis
galinhas recheadas por uma cópia
que Ihe fizera, e Ihe mandava, por
princípio de paga, meia galinha*

Cinco galinhas e meia
deve o Senhor de Cascais;
e a meia vinha cheia
de apetites para as mais.

112.
Trovas

*mandadas ao Vizo-Rei,
com o mato anterior:*

Conde, cujo ilustre peito
merece nome de Rei,
do qual muito certo sei

que lhe fica sendo estreito
o cargo de Vizo-Rei;
servirdes-vos de ocupar-me,
tanto contra meu planeta,
não foi senão asas dar-me,
com as quais vou a queimar-me,
como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar
que tão mal cortada tenho,
será para celebrar
vosso valor singular,
dino de mais alto engenho.
Que, se o meu vos celebrasse,
necessário me seria
que os olhos da águia tomasse,
só para que não cegasse
no sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,
nas armas dinos de glória,
são no mundo tão soados
que em vós de vossos passados
se ressuscita a memória.
Pois aquele animo estranho,
pronto para todo efeito,
espanta todo o conceito,
como coração tamanho
vos pode caber no peito.

A clemência que asserena
coração tão singular,
se eu nisso pusesse a pena,
seria encerrar o mar
em cova muito pequena
Bem basta, Senhor, que agora
vos sirvais de me ocupar,
que assi fareis aparar
a pena com que algũa hora
vos vereis ao Céu voar.

Assi vos irei louvando,
vós a mim do chão erguendo,
ambos o mundo espantando:
vós, co a espada cortando,
eu, co a pena escrevendo.

117.
Labirinto

do Autor a queixar-se do mundo

Corre sem vela e sem leme
o tempo desordenado,
dum grande vento levado;
o que perigo não teme
é de pouco experimentado.
As rédeas trazem na mão
os que rédeas não tiveram:
vendo quando mal fizeram
a cobiça e ambição
disfarçados se acolheram.

A nau que se vai perder
destrue mil esperanças;
vejo o mau que vem a ter;
vejo perigos correr
quem não cuida que há mudanças.
Os que nunca sem sela andaram
na sela postos se vêm:
de fazer mal não deixaram;
de demónio hábito têm
os que o justo profanaram.

Que poderá vir a ser
o mal nunca refreado?
Anda, por certo, enganado
aquele que quer valer,
levando o caminho errado.
É para os bons confusão
ver que os maus prevaleceram;
posto que se detiveram
com esta simulação,
sempre castigos tiveram.

Não porque governe o leme
em mar envolto e turbado,
quem tem seu rumo mudado,
se perece, grita e geme
em tempo desordenado.
Terem justo galardão

e dor dos que mereceram,
sempre castigos tiveram
sem nenhũa redenção,
posto que se detiveram.

Na tormenta, se vier,
desespere na bonança
quem manhas não sabe ter.
Sem que lhe valha gemer
verá falsar a balança.
Os que nunca trabalharam,
tendo o que lhes não convém,
se ao inocente enganaram
perderão o eterno bem
se do mal não se apartaram.

71. Cantiga

a esta cantiga velha:
Falso cavaleiro ingrato,
enganais-me:
vós dizeis que eu vos mato,
e vós matais-me.

VOLTAS

Costumadas artes são
para enganar inocências,
piadosas aparências
sobre isento coração.
Eu vos amo, e vós, ingrato,
magoais-me,
dizendo que eu vos mato,
e vós matais-me.

Vede agora qual de nós
anda mais perto do fim,
que a justiça faz-se em mim
e o pregão diz que sois vós.
Quando mais verdade trato,
levantais-me
que vos desamo e vos mato,
e vós matais-me.

63.
Cantiga

*a este mato seu:
Da alma, e de quanto tiver,
quero que me despojeis,
contanto que me deixeis
os olhos para vos ver.*

VOLTAS

Cousa que este corpo não tem
que já não tendeis rendida;
depois de tirar-lhe a vida,
tirai-lhe a morte também.
Se mais tenho que perder
mais quero que me leveis,
carente que me deixeis
os olhos para vos ver.

93.
Cantiga

*a esta cantiga alheia:
Tende-me mão nele
qu'um real me deve I*

VOLTAS

Cum real de amor,
dous de confiança
e três de esperança
me foge o tedor.
Falso desamor
se encerra naquele
qu'um real me deve.

Pedi-mo emprestado,
não lhe quis penhor;
é mau pagador,
tendo-mo aferrado.

Cum cordel atado,
ao Tronco se leve,
qu'um real me deve.

Por esta travessa
se vai acolhendo;
ei-lo vai correndo,
fugindo a grã pressa.
Nesta mão e nessa
o falso s'atreve,
qu'um real me deve.

Comprou-me amor
sem lhe fazer preço:
eu não lhe mereço
dar-me desfavor.
Dá-me tanta dor
que ando após ele
pelo que me deve.

Eu de cá bradando,
ele vai fugindo;
ele sempre rindo,
eu sempre chorando.
{El} de quando em quando
no amor s'atreve,
como que não deve.

A falar verdade,
ele já pagou;
mas inda ficou
devendo ametade.
Minha liberdade
é a que me deve:
só nela se atreve.

26. Cantiga

à tenção de Miraguarda
MOTO:
Ver, e mais guardar
de ver outro dia,
quem o acabaria ?

VOLTAS

Da lindeza vossa,
Dama, quem a vê,
impossível é
que guardar-se possa.
Se faz tanta mozza
ver-vos um só dia,
quem se guardaria?

Milhor deve ser
neste aventurar,
ver, e não guardar,
que guardar de ver.
Ver, e defender,
muito bom seria;
mas... quem poderia?

15. Trovas

a ùa Dama

Dama d'estranho primor,
se vos for
pesada minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
porque a converto em amor.
Se cuidais de
me matar quando usais
de esquivaça,
irei tomar por vingança
amar-vos cada vez mais.

Porém vosso pensamento,
como isento,
seguirá sua tenção
crendo que em tanta afeição
não haja acrescentamento.
Não creiais
que destarte vos façais

invencível;
que Amor sobre o impossível
amostra que pode mais.

Mas já da tenção que sigo
me desdigo;
que, se há tanto poder nele
também vós podeis mais qu'ele
neste mal que usais comigo.

Mas se for
o vosso poder maior
entre nós,
quem poderá mais que vós
se vós podeis mais que Amor?

Despois que, Dama, vos vi,
entendi
que perdera Amor seu preço;
pois o favor que lhe eu peço
vos pede ele para si.

Nem duvido
que não pode, de sentido,
resistir;
pois, em vez de vos ferir,
ficou, de vos ver,
ferido.

Mas, pois vossa vista e tal
em meu mal,
que posso de vós querer?
Que mal poderei valer
onde o mesmo Amor não val?

Se atentar,
nenhum bem posso esperar;
e oxalá
Que vos
alembresse já,
sequer para me matar.

Mas nem com isto creiais
que façais
meus serviços mais pequenos;
porqu'eu, quando espero menos,
sabei que então quero mais.

Nada espero,
mas de mim crede este fero
que, em ser vosso,
vos quero tudo o que posso

e não posso quanto quero.

Só por esta fantasia
merecia
de meus males algum fruto;
que ainda não quero muito
para o muito que queria.
De maneira
que não é, na derradeira,
grande espanto,
que quem, Dama, vos quer tanto
que outro tanto de vós queira.

105.
Cantiga

a este moto:
Quem ora soubesse
onde o Amor nasce,
que o semeasse!

VOLTAS

D'amor e seus danos
me fiz lavrador;
semeava amor
e colhia enganos;
não vi, em meus anos,
homem que apanhasse
o que semeasse.

Vi terra florida
de lindos abrolhos,
lindos para os olhos,
duros para a vida;
mas a rês perdida
que tal erva pace
em forte hora nace.

Com quanto perdi,
trabalhava em vão;
se semeei grão,
grande dor colhi.
Amor nunca vi

que muito durasse,
que não magoasse.

56.
Cantiga

a este moto:
A alma que está ofrecida a
tudo, nada lhe é forte; assi
passa o bem da vida como
passa o mal da morte

VOLTAS

De maneira me sucede
o que temo, e o que desejo,
que sempre o que temo, vejo,
nunca o que a vontade pede.

Tenho tão ofrecida
alma e vida a toda a sorte
que isso me dera da morte
como já me dá da vida.

31.
Glosa

a este moto de Francisco
de Moraes:
Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males, que dais por pena,
me fiquem por galardão,

Despois de sempre sofrer,
Senhora, vossas cruezas,
apesar de meu querer,
me quereis satisfazer
meus serviços com tristezas.
Mas pois embalde resiste
quem vossa vista condena,
prestes estou para a pena,
que, de galardão, tão triste,

triste vida se me ordena.

De contente do mal meu
a tão grande extremo vim,
que consinto em minha fim:
assi que, vos e mais eu,
ambos somos contra mim.
Mas que sofra meu tormento
sem querer mais galardão,
não é fora de razão
que queraa meu sofrimento,
pois quer vossa condição.

O mel, que vós dais por bem,
esse, Senhora, é mortal;
que o mal que dais como mal,
em muito menos se tem,
por costume natural.
Mas porém nesta vitória,
que comigo é bem pequena,
a maior dor me condena
a pena, que dais por glória,
que os males, que dais por pena.

Que mor bem me possa vir,
que servir-vos, não o sei.
Pois que mais quero eu pedir,
se quanto mais vos
servir, tanto mais vos deverei?
Se vossos merecimentos
de tão alta estima são,
assaz de favor me dão
em querer que meus tormentos
me fiquem por galardão.

83. Glosa

a esta Trova de Boscão:
Justa fué mi perdición,
de mis males soy contento;
ya no espero galardón,
pues vuestro merecimiento
satisfizo a mi pasiôn.

Después que Amor me formó
todo de amor, cual me veo,
en las leyes que me dió,
el mirar me consintió,
y defendióme el deseo.
Mas el alma, como injusta,
en viendo tal perfección,
dió a al deseo ocasión:
y pues quebré ley tan justa,
justa fué mi perdición.

Mostrándoseme el Amor
más benigno que cruel,
sobre tirano, traidor,
de celos de mi dolor,
quiso tomar parte en él.
Yo, que tan dulce tormento
no quieto dallo, aunque peço,
resisto, y no lo consiento;
mas si me lo toma á trueco,
de mis males soy contento.

Señora, ved lo que ordena
este Amor tan falso nuestro!
Por pagar á costa ajena
manda que de un mirar vuestro
haga el premio de mi pena.
Mas vos, para que veáis
tan engañosa tención,
aunque muerto me sintáis,
no miréis, que, si miráis,
ya no espero galardón.

¿Pues que premio (me diréis)
esperas que será bueno?
Sabed, si no lo sabéis,
que es lo más de lo que peno
lo menos que merecéis.
¿Quién hace al mal tan ufano,
y tan libre al sentimiento?
¿El deseo? No, que es vano.
¿El Amor? No, que es tirano
¿Pues? Vuestro merecimiento.

No pudiendo Amor robarme

de mis tan caros despojos,
aunque fué por más honrarme,
vos sola para matarme
le prestastes vuestros ojos.
Matáronme ambos á dos;
mas á vos con mas razón
debe él la satisfacción;
que á mi por él, y por vos,
satisfizo mi pasión,

35.
Glosa

a este moto:
¿Qué veré que me contente?

Desde una vez miré,
Señora, vuestra beldad,
jamás por mi voluntad
los ojos de vos quité.
Pues sin vos placer no siente
mi vida, ni lo desea,
si no quereis que os vea,
¿qué veré que me contente?

77.
Cantiga

a este moto seu:
Pois me faz dano olhar-vos
não quero, por não perder-vos
que ninguém me veja ver-vos.

VOLTAS

De ver-vos a não vos ver
há dous extremos mortais;
e são eles em si tais
que um por um me faz morrer;
mas antes quero escolher
que possa viver sem ver-vos
minh'alma, por não perder-vos.

Deste tamanho perigo
que remédio posso ter,
se vivo só com vos ver,
se vos não vejo, perigo?
Quero acabar comigo
que ninguém me veja ver-vos,
Senhora, por não perder-vos.

73.
Cantiga

a este moto alheio:
Amor loco amor loco,
yo por vos, y vos por o otro.

VOLTAS

Dióme Amor tormentos dos
para que pene dobrado:
uno es verme desamado,
otro es mancilla de vos.
!Ved que ordena Amor en nos!
Porque me vos hacéis loca?
que seáis loca por otro.

Tratáis Amor de manera
que porque así me tratáis
quiere que, pues no me amáis,
que améis otro que no os quiera.
Mas con todo, so no os viera
de todo loca por otro,
con mas razón fuera loco.

Y tan contrario viviendo,
al fin, al fin, conformamos,
pues ambos a dos buscamos
lo que más nos va huyendo.
Voy tras vos siempre siguiendo,
y vos huyendo por otro:
andáis loca, y me hacéis loco.

7.
Cantiga

a este moto alheio
Vós, Senhora, tudo tendes,
senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós Natureza
o sumo da perfeição,
que, o que em vós é senão,
é em outras gentileza:
o verde não se despreza,
que, agora que vós o tendes,
são belos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor
cor por que a gente se perde;
mas, a graça desse verde
tira a graça a toda a cor.
Fica agora sendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque são vossos... e verdes!

4.
Outra volta à mesma cantiga

Dous tormentos vejo
grandes por extremo;
se vos vejo, temo,
e, se não, desejo.
Quando me despejo
e venho a escolher
se temo o desejo,
desejo o temer.

41.
Cantiga

a este moto:
Da doença em que ardeis eu
fora vossa mezinha,
só com vós serdes minha

VOLTAS

É muito para notar
cura tão bem acertada,
que podereis ser curada
somente com me curar.
e quereis, Dama, trocar,
ambos temos a mezinha:
eu a vossa, e vos a minha.

Olhai que não quer Amor
(porque fiquemos iguais
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor.
Eu cá sinto a vossa dor;
e se vós sentis a minha,
dai e tomai a mezinha

12. Cantiga

*a este mato alheio:
Menina dos olhos verdes,
porque me não vedes?*

VOLTAS

Eles verdes são,
e têm por usança
na cor, esperança
e nas obras, não.
Vossa condição
não é d'olhos verdes,
porque me não vedes.

Isenções a molhos
que eles dizem terdes,
não são d'olhos verdes,
nem de verdes olhos.

Sirvo de giolhos,
e vós não me credes
porque me não vedes.

Haviam de ser,
porque possa vê-los,
que uns olhos tão belos
não se hão-de esconder;
mas fazeis-me crer
que já não são verdes,
porque me não vedes.

Verdes não o são
no que alcanço deles;
verdes são aqueles
que esperança dão.
Se na condição
está serem verdes,
porque me não vedes?

10. Cantiga

a este moto alheio.
Verdes são as hortas
com rosas e flores;
moças que as regam
matam-me d'amores.

VOLTAS

Entre estes penedos
que daqui parecem,
verdes ervas crecem,
altos arvoredos.
Vai destes rochedos
água com que as flores
d'outras são regadas
que matam d'amores.

Co a água que cai
daquela espessura,
outra se mestura
que dos olhos sai:
toda junta vai
regar brancas flores,
onde há outros olhos

que matam d'amores.

Celestes jardins,
as flores, estrelas,
horteloas delas
são uns serafins.
Rosas e jasmins
de diversas cores;
Anjos que as regam
matam-me d'amores.

85.
Cantiga

*a ùa Dama que perguntou
ao Autor quem o matava*
MOTO:
Pergunteis-me quem me mata?
Não quero responder nada,
por vos não fazer culpada.

VOLTAS

E se a pena neo me atija
a dizer pena tão forte,
quero-me entregar à morte,
antes que vós à justiça.
Porém, se tendes cobiça
de vos verdes tão culpada,
darei que não sinto nada.

22.
Trovas

*que mandou com um papel
d'alfinetes a ùa Dama*

Esses alfinetes vão
a vos picarem, não mais,
só porque julgueis então,
o como me picarão
os com que vós me picais.

Mas os que dessas estrelas
vêm, têm pontas tão agudas
que, em que estoutros vão co elas,
podem-vos dar picadelas,
mas os vossos dão feridas.

Assi que, se bem notais,
no como ambos debatem,
nunca podem ser iguais,
que, inda que esses lá maltratam,
estes cá maltratam mais.
Porém, já que Amor consente
em piques tão desiguais,
onde vós sois mais valente,
eu, Senhora, sou contente
do que vos contentar mais.

Venham os alfinetes cá
desses olhos, porque acertem
dónde acerto já não há;
porém os meus que vão lá,
só quero que vos apertem.
E deixando o mais passado,
fazei que este papel seja
pregado, digo, empregado,
porque do seu gasalhado
eu mesmo lhe tenho enveja.

E se eles em vós se pregam,
por força os hei-de envejar,
não só porque bem se empregam,
mas porque, Senhora, chegam
onde eu não posso chegar.

Lá vão e lá ficarão
adonde continuamente
a par de si vos terão; e
nfim, lá vos picarão,
eu cá picarei no dente.

115.
Trovas

*do Autor, na Índia, conhecidas
pelo nome de «Disparates»*

Este mundo es el camino
adó ay ducientos vaus
ou por onde bons e maus
todos somos del menino.
Mas os maus são de teor
que, dêz que mudam a cor,
chamam logo a el-Rei compadre;
e, enfim, dejalhos, mi madre,
que sempre tem um sabor
de «Quem torto naeo, tarde se
[endireita».

Deixai a um que se abone,
diz logo de muito sengo:
villas e castillos tengo,
todos a mi mandar sone.
Então eu, que estou de molho,
com a lágrima no olho,
pelo virar do envés,
digo-lhe: tu insanus es,
e por isso não to talho:
pois «Honra e proveito não cabem |
[num saco».

Vereis uns, que no seu seio
cuidam que trazem Paris,
e querem com dous ceitis
fender anca pelo meio.
Vereis mancebinho de arte
com espada em talabarte;
não há mais Italiano.

A este direis:—Meu mano,
vós saís galante que farte:
mas «Pan y vino anda el camino, que
no mozo garrido».

Outros em cada teatro
por ofício lhe ouvireis
que se matarán con tres
y lo mismo harán com quatro.
Prezam-se de dar respostas
com palavras bem compostas;
mas, se lhe meteis a mão,
na paz mostram coraçãõ,
na guerra mostram as costas:

porque «Aqui torce a porca o rabo».

Outros vejo por aqui,
a que se acha mal o fundo,
que andam emendando o mundo
e não se emendam a si.
Estes respondem a quem
deles não entende bem
el dolor que está secreto;
mas porém quem for discreto
responder-lhe há muito bem:
«Assi entrou o mundo, assi há-de sair».

Achareis rafeiro velho,
que se quer vender por galgo:
diz que o dinheiro é fidalgo,
que o sangue todo é vermelho.
Se ele mais alto o dissera,
este pelote pusera;
que o seu eco lhe responda,
que su padre era de Ronda,
y su madre de Antequera
e «Quer cobrir o céu cüa joeira».

Fraldas largas, grave aspeito
para senador romano.
Õ que grandíssimo engano!
Que Momo lhe abrisse o peito!
Consciência que sobeja,
siso, com que o mundo reja,
mansidão outro que si;
mas que lobo está em ti,
metido em pele de oveja!
E sabem-no poucos.

Guardai-vos d'uns meus senhores,
que ainda compram e vendem;
uns que é certo que descendem
da geração de pastores;
mostram-se-vos bons amigos,
mas, se vos vêm em perigos,
escarram-vos nas paredes;
que de fora dormiredes,
irmão, que é tempo de figos;
porque «De rabo de porco nunca
bom virote».

[Que dizeis duns, qu'as entranhas
lhe estão ardendo em cobiça?
E, se têm mando, a justiça
fazem de teias de aranhas,
com suas hipocrisias
que são de vós as espias?
Para os pequenos, uns Neros;
para os grandes, tudo feros.
Pois tu, parvo, não sabias
que «Lá vão leis, onde querem
cruzados»?

Mas tornando a uns enfadonhos
cujas cousas são notórias;
uns, que contam mil histórias
mais desmanchadas que sonhos;
uns, mais parvos que zamboas,
que estudam palavras boas,
[a que ignorancia os atiça;]
estes paguem por justiça,
que têm morto mil pessoas,
por vida de quanto quero

Adónde ienen las mentes
uns secretos trovadores,
que fazem cartas d'amores,
de que ficam mui contentes?
Não querem sair à praça;
trazem trova por negaça;
e se lha gabais, que é boa,
diz que é de certa pessoa.
Ora que quereis que faça,
senão ir-me por esse mundo?

Ó tu, como me atarracas,
escudeiro de solia,
com bocais de fidalguia,
trazidos quase com vacas;
importuno a importunar,
morto por desenterrar
parentes que cheiram já!
Voto a tal, que me fará
um destes nunca falar
mais com viva alma.

Uns que falam muito, vi,
de que quisera fugir;

uns que, enfim, sem se sentir,
andam falando entre si;
porfiosos sem razão;
e dêz que tomam a mão,
falam sem necessidade;
e se algũa hora é verdade,
deve ser na confissão;
porque «Quem não mente...» Já me
[entendeis.

Õ vós, quem quer que me ledes,
que haveis de ser avisado,
que dizeis ao namorado
que caça vento com redes?
Jura por vida da Dama,
fala consigo na cama,
passa de noite, e escarra;
por falsete na guitarra
põe sempre: viva quem ama,
porque calça a seu propósito.

Mas deixemos, se quiserdes,
por um pouco as travessuras
porque entre quatro maduras
leveis também cinco verdes.
Deitemo-nos mais ao mar;
e, se algum se arreçar,
passe três ou quatro trovas.
E vós tomais cores novas?
Mas não é para espantar;
que «Quem porcos há menos, em cada
[mouta lhe roncam».

Ó vós, que sois secretários
das consciências reais,
que entre os homens estais
por senhores ordinários;
porque não pondes um freio
ao roubar que vai sem meio,
debaixo de bom governo?
Pois um pedaço d'inferno
por pouco dinheiro alheio
se vende a Mouro e a Judeu

Porque a mente, afeiçoada
sempre à real dignidade,
vos faz julgar por bondade

a malícia desculpada.
Move a presença real
 ua afeição natural,
que logo inclina ao juiz
a seu favor; e não diz
um rifão muito geral
que «O abade donde canta,
 [daí janta»?

E vós bailhais a esse som?
Por isso, gentis pastores,
vos chama a vós mercadores
um que só foi pastor bom.]

2. Cantiga

*A este cantar velho:
 Saudade minha,
 quando vos veria?*

VOLTAS

Este tempo vão,
esta vida escassa,
para todos passa,
só para mim não.
Os dias se vão
sem ver este dia,
quando vos veria?

Vede esta mudança
se está bem perdida,
em tão curta vida
tão longa esperança!
Se este bem se alcança,
tudo sofreria,
quando vos veria.

Saudosa dor,
eu bem vos entendo;
mas não me defendo,
porque ofendo Amor.
Se fôsseis maior,

em maior valia
vos estimaria.

Minha saudade,
caro penhor meu,
a quem direi eu
tamanha verdade?
Na minha vontade,
de noite e de dia
sempre vos teria.

91. Cantiga

a este moto:
Com razão queixar-me posso
de vós, que mel vos queixais;
pois, Senhora, vos sangrais,
que seja num corpo vosso.

VOLTAS

Eu, para levar a palma
com que ser vosso mereça,
quero que o corpo padeça
por vós, que dele sois alma.
Vós do corpo vos queixais,
eu queixar-me de vós posso,
porque, tendo um corpo vosso,
na minh'alma vos sangrais.

E sem fazer diferença
no que de mim possuíis,
pelo pouco que sentis,
dais à minh'alma doença.
Pois que dous aventurais
oh! não seja o dano nosso:
sangre-se este corpo vosso,
porque, minh'alma, vivais.

E inda, se atentardes bem,
seguis medicina errada,
porque para ser sangrada
üa alma sangue não tem.

E pois em mim sarar posso
males, que à minha alma dais,
se inda outra vez vos sangrais,
seja neste corpo vosso.

13.
Cantiga

*a este moto [seu?]
Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes
este meu coração Mendes.*

VOLTAS

Eu sou boa testemunha
que Amor tem por cousa má
que olhos, que são homens já,
se nomeiem sem alcunha,
pois o coração apunha
e diz: olhos, pois vós tendes,
chamai-me coração Mendes.

48.
Cantiga

*a este moto alheio:
De vuestros ojos centellas,
que encienden pechos de hielo
suben por el aire al cielo,
y en llegando son estrellas.*

VOLTAS

Falsos loores os dan,
que essas centellas tan raras
no son nel cielo más claras
que en los ojos donde están.
Porque cuando miro en ellas
de como alumbran el suelo
no sé que serán nel cielo;
mas sé que acá son estrellas.

Ni se puede presumir
que al cielo suban, Senora,
que la lumbre que en vos mora
no tiene más que subir;
mas pienso que dán querellas
a Dios nel octavo cielo,
porque son acá en el suelo,
dos tan hermosas estrellas.

65.
Cantiga

a este mato seu:
Enforquei minha esperança;
mas Amor foi tão madraço
que lhe cortou o baraço.

VOLTAS

Foi a Esperança julgada
por sentença da Ventura,
que, pois me teve à pendura,
que fosse dependurada.
Vem Cupido co a espada,
corta-lhe cerco o baraço.
Cupido, foste madraço!

88.
Cantiga

a este moto alheio
Vosso bem querer, Senhora:
vosso mal melhor me fora.

VOLTAS

Já'gora certo conheço
ser melhor todo tormento
onde o arrependimento
se compra por justo preço.
Enganou-me um bom começo;

mas o fim me diz agora
que o mal melhor me fora.

Quando um bem é tão danoso
que, sendo bem, dá cuidado,
o dano fica obrigado
a ser menos perigoso.
Mas se a mim, por desditoso,
co bem me foi mal, Senhora,
co vosso mal bem me fora.

57.
Cantiga

a este moto:
Esconjuro-te, Domingas,
pois me dás tanto cuidado,
que me digas se te vingas:
viverei menos penado.

VOLTAS

Juravas-me que outras cabras
folgavas de apacentar;
eu, por não me magoar,
fingia que eram palavras.
Agora d'arte te vingas
d'algum meu doudo pecado,
qu'inda [que] queiras, Domingas,
não posso ser enganado.

Qualquer cousa busca o seu;
a fonte vai para o Tejo,
e tu para o teu desejo
por te vingares do meu.
De mi te esqueces, Domingas,
como eu faço do meu gado.
Praza a Deus que, se te vingas,
que moura desesperado.

Na fantasia te pinto;
falo-te, responde o monte;
busco o rio, busco a fonte,
endoudeço, e não o sinto.

Domingas! no vale brado;
responde o eco:—Domingas!
E tu ainda te não vingas
de me ver doudo tornado?

53.
Cantiga

a este moto:
Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
vai fermosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
o testo nas mãos de prata,
cinta de fina escarlata,
sainho de chamalote;
traz a vasquinha de cote,
mais branca que a nove pura;
vai fermosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
cabelos d'ouro o trançado,
—fita, de cor d'encarnado,
tão linda que o mundo espanta—;
chave nela graça tanta
que dá graça à fermosura;
vai fermosa, e não segura.

89.
Cantiga

a este moto:
Irme quieto, madre,
á aquella galera,
con el marinero
á ser marinera.

VOLTAS

Madre, si me fuere,
dó quiera que vó,
no lo quiero yo,
que el Amor lo quiere.
Aquél niño fiero
hace que me muera,
por un marinero
á ser marinera.

Él, que todo puede,
madre, no podrá,
pues el alma vá,
que el cuerpo se quede.
Con él, por quién muero,
voy, porque no muera;
que, si es marinero,
seré marinera.

Es tirana ley,
del niño Señor,
que por un amor
se desenhe un Rey:
pues desta manera
quiere, yo me quiero
por un marinero
hacer marinera.

Decid, ondas, ¿cuándo
vistes vos doncella,
siendo tierna y bella,
andar navegando?
|Pues| más no se espera
daquel niño fiero,
vea yo quién quiero,
sea marinera.

40. Cantiga

a este moto:
Menina fermosa e crua,
bem sei eu
quem deixará de ser seu,
se vós quiséreis ser sua.

VOLTAS

Menina mais que na idade,
se, para me querer bem,
vos não vejo ter vontade,
é porque outrem vo-la tem;
tem-vo-la, e faz-vo-la crua.

Porém eu
já tomara não ser meu,
se vós não fôreis tão sua.

Nos olhos e na feição
vos vi, quando vos olhava,
tanta graça que vos dava
de graça este coração;
não no quisestes de crua,
por ser meu:
se outrem vos dera o seu
pode ser fôreis mais sua.

Menina, tende maneira
que ainda não venha a ser
—pois não quereis quem vos quer, —
que queirais quem vos não queira.
Olhai, não me sejais crua;
que pois eu
quero ser vosso e não meu,
sede vós minha e não sua.

68.

Glosa

*a este moto:
Vos tenéis mi corazón.*

Mi corazón me han robado,
y Amor, viendo mis enojos,
me dijo: fuéte llevado
por los más hermosos hojos
que desde vivo he mirado.

Gracias sobrenaturales,
te lo tienen en prisión,

y si Amor tiene razón,
Señora, por la señales
vos tenéis mi corazón.

69.
Cantiga

a este moto alheio:
De dentro tengo mi mal,
que de fuera no hay señal.

VOLTAS

Mi nueva y dulce querella,
es invisible á la gente;
el alma sola la siente,
que el cuerpo no es dino della.
Como la viva centena
se encubra en el pedernal
de dentro tengo mi mal.

86.
Cantiga

a este moto alheio:
Se alma ver-se não pode
onde pensamentos ferem,
que farei para me crerem?

VOLTAS SUAS

N'alma ùa só ferida
faz na vida mil sinais;
tanto se descobre mais
quanto é mais escondida.
Se esta dor tão conhecida
me não vêm, porque não querem,
que farei para me crerem?

Se se pudesse bem ver
quanto calo, e quanto sento,
despois de tanto tormento

cuidaria alegre ser.
Mas se não me querem crer
olhos que tão mal me ferem,
que farei para me crerem?

100.
Esparsa

ao mesmo assunto

Não posso chegar ao cabo
de tamanho desarranjo,
que sendo vós, Senhora, «Anjo»,
vos queira tanto o «diabo».
Dais manifesto sinal
de minha muita firmeza,
que os «diabos» querem mal
aos «Anjos», por natureza.

43.
Cantiga

a este moto:
Deu, Senhora, por sentença
Amor, que fôsseis doente,
para fazerdes à gente
doce e fermosa a doença.

VOLTAS

Não sabendo Amor curar,
foi a doença fazer
fermosa, para se ver,
doce para se passar.
Então, vendo a diferença
que há de vós a toda a gente,
mandou que fôsseis doente
para glória da doença.

E digo-vos, de verdade,
que a saúde anda envejosa,
por ver estar tão fermosa

em vós essa enfermidade.
Não façais logo detença,
Senhora, em estar doente,
porque adoecerá a gente
com desejos da doença.

Que eu, por ter, fermosa Dama,
a doença que em vós vejo,
vos confesso que desejo
de cair convosco em cama.
Se consentis que me vença
este mal, não houve gente
de saúde tão contente
como eu serei da doença.

19. Cantiga

*a esta cantiga alheia:
Minina fermosa
dizei: de que vem
serdes rigorosa
a quem vos quer bem?*

VOLTAS

Não sei quem assela
vossa fermosura;
que quem é tão dura
não pode ser bela.
Vós sereis fermosa,
mas a razão tem
que quem é irosa
não parece bem.

A mostra é de bela,
as o obras são cruas;
pois qual destas duas
ficará na sela?
Se ficar irosa
não vos está bem.
fique antes fermosa,
que mais força tem.

O Amor, fermoso
se pinta e se chama:
se é amor, ama,
se ama, é piadoso.
Diz agora a grosa
que este texto tem,
que quem é fermosa
há-de querer bem.

Havei dó, minina,
dessa fermosura;
que se a terra é dura,
seca-se a bonina.
Sede piadosa;
não veja ninguém
que, por rigorosa,
percais tanto bem.

55. Cantiga

a este moto:
Ferro, fogo, frio e calma,
todo o mundo acabarão;
mas nunca vos tirarão,
alma minha da minh'alma!

VOLTAS

Não vos guardei, quando vinha,
em torre, força, ou engenho;
que mais guardada vos tenho
em vós, que sois alma minha.
Ali, nem frio nem calma,
não podem ter jurdição;
na vida sim, porém não
em vós, que tenho por alma.

8. Cantiga

a este cantar velho:
Sois fermosa e tudo tendes,

senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguém vos pode tirar
[o] serdes bem assombrada;
mas heis-me de perdoar,
que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
em querer que fossem verdes:
trabalhai de os esconderdes.

A vossa testa é jardim,
onde Amor se desenfada;
é branca e bem talhada,
que parece de marfim.
Assim é; e, quanto a mim,
isso nasce de a terdes
tão perto dos olhos verdes.

Os cabelos desatados
o mesmo Sol escurecem;
senão que, por serem ondados,
algum tanto desmerecem:
mas, à fé, que se parecem
a furto dos olhos verdes,
não vos pese de os terdes.

As pestanas têm mostrado
ser raios que abrasam vidas;
se não foram tão compridas
tudo o mais era pintado:
elas me tinham levado
já sem o vós saberdes,
se não foram os olhos verdes.

O mimo desse carão
nem pôr-lhe os olhos consente:
e ser liso e transparente
rouba todo o coração.
Inda assim achareis gente
que lhe não pese de o terdes;
mas não seja cos olhos verdes.

Esse riso é composto
de quantas graças nasceram;
senão que alguns me disseram

vos faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
dar-vos a alma, se quiserdes,
a troco dos olhos verdes.

Nunca se viu, nem se escreve
boca nem graça igual,
se não fora de coral
e os dentes de cor de neve.
Dou-me a Deus, que me leve!
Sofrerei quanto tiverdes,
não me tenhais os olhos verdes.

Essa garganta merece
outras palavras, não minhas,
senão que é feita em rosquinhas
de alfenim, o que parece.
Eu sei quem se oferece
a tomar tudo o que tendes,
e também os olhos verdes.

Essas mãos são ferropéias,
só o vê-las, enfeitiça;
senão que são alvas e cheias,
e têm a feição roliça,
com que apelais por justiça,
pera com elas prenderdes
quem vê vossos olhos verdes.

A vossa galantaria
matará a quem falardes;
tendes uns desdêns e tardes
que eu logo vos roubaria.
Dou-me a Santa Maria!
Sou cujo de quanto tendes,
também desses olhos verdes.

5. Cantiga

*a esta cantiga alheia:
Pastora da serra,
da serra da Estrela,
perco-me por ela.*

VOLTAS

Nos seus olhos belos
tanto Amor se atreve,
que abrasa entre a neve
quantos ousam vê-los.
Não solta os cabelos
Aurora mais bela:
perco-me por ela.

Não teve esta serra
no meio da altura
mais que a fermosura
que nela se encerra.
Bem céu fica a terra
que tem tal estrela:
perco-me por ela.

Sendo entre pastores
causa de mil males,
não se ouvem nos vales
senão seus louvores.
Eu só por amores
não sei falar nela:
sei morrer por ela.

De alguns que, sentindo,
seu mal vão mostrando,
se ri, não cuidando
que inda paga, rindo.
Eu, triste, encobrinho
só meus males dela,
perco-me por ela.

Se flores deseja
por ventura delas,
das que colhe, belas,
mil morrem de enveja.
Não há quem não veja
todo o melhor nela:
perco-me por ela.

Se na água corrente
seus olhos inclina,
faz luz cristalina
parar a corrente.

Tal se vê, que sente,
por ver-se, água nela:
perco-me por ela.

64.
Cantiga

*a este moto alheio:
Amores de ua casada
que eu vi pelo meu mel.*

VOLTAS

Nüa casada fui pôr
os olhos, de si senhores;
cuidei que fossem amores,
eles fizeram-se Amor.
Faz-se o desejo maior
donde o remédio não val
em perigo de meu mal.

Não me pareceu que Amor
pudesse tanto comigo
que donde entra por amigo
se levante por senhor.
Leva-me de dor em dor
e de sinal em sinal,
cada vez para mor mal.

84.
Glosa

a este moto:

*Foi-se gastando a esperança,
fui entendendo os enganos;
do mal ficaram meus danos
e do bem só a lembrança.*

Nunca em prazeres passados
tive firmeza segura,
antes tão arrebatados

que inda não eram chegados
quando mos levou ventura.
E como quem desconfia
ter em tal sorte mudança,
no meio desta porfia,
de quanto bem pretendia
foi-se gastando a esperança.

Não tive por desatino
a ocasião de perdê-la;
mas foi culpa do destino,
que a ninguém, como mais dino,
Amor pudera sustê-la.
Dei-lhe tudo o que era seu,
não receando tais danos
deste, a quem alma lhe deu;
quando já não era meu,
foi entendendo os enganos.

Fiquei, deste mal sobejo
a quem a causa compete,
dizer-lhe tudo o que vejo,
que Amor aceita o desejo,
mas mente no que promete.
Que, se a mim se me obrigou
a dar-me bens soberanos,
foi engano que ordenou,
que do bem tudo levou,
do mal ficaram meus danos.

E se de dor tão desigual
sofro em mim com padecê-los,
quero de novo sofrê-los;
que, por a causa ser tal,
não determino ofendê-los.

Dobre-se o mal, falte a vida,
creça a fé, falte a esperança,
pois foi mal agradecida;
fique a dor n'alma imprimida,
e do bem só a lembrança.

*a este mato alheio:
Trabalhos descansariam
se para vós trabalhasse;
tempos tristes passariam
se algũa hora vos lembrasse.*

GLOSA

Nunca o prazer se conhece
senão despois da tormenta;
tão pouco o bem permanece
que, se o descanso florece,
logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograriam,
mas os males tudo atalham;
porém, já que assi porfiam,
onde descansos trabalham,
trabalhos descansariam.

Qualquer trabalho me fora
por vós grão contentamento;
nada sentira, Senhora,
se vira disto algũa hora
em vós um conhecimento.
Por mal que o mal me tratasse
tudo por bem tomaria;
posto que o corpo cansasse,
a alma descansaria,
se para vós trabalhasse.

Quem vossas cruezas já
sofreu, a tudo se pôs;
costumado ficará;
e muito melhor será,
se trabalhar para vós.
Tristezas esqueceriam,
posto que mal me trataram;
anos não me lembrariam,
que, como estoutros passaram,
tempos tristes passariam.

Se fosse galardoado
este trabalho tão duro,
não vivera magoadado;
mas não o foi o passado,
como o será o futuro?

De cansar não cansaria,
se quiséreis que cansasse;
cansar, morrer, fá-lo-ia,
tudo, enfim, me esqueceria,
se algũa hora vos lembrasse.

66.
Cantiga

a este moto seu:
Pus o coração nos olhos
e os olhos pus no chão,
por vingar o coração.

VOLTAS

O coração envejoso
como dos olhos andava,
sempre remoques me dava
que não era o meu mimoso:
venho eu, de piadoso
do senhor meu coração,
boto os meus olhos no chão.

42.
Trovas

a ùa dama doente

Olhai que dura sentença
foi Amor dar contra mi:
que, porque em vós me
perdi, em vós me busca a doença.
Claro está
que em vós só me achará;
que em mim, se me vem buscar,
não poderá mais achar
que a forma do que eu fui já.

Que se em vós Amor se pôs,
Senhora, é forçado assi

que o mal, que me busca a mi,
que vos faça mal a vós.

Sem mentir,

Amor me quis destruir
por modo nunca cuidado,
pois vos há-de ser forçado
pesar-vos de vos servir.

Mas sois tão desconhecida,
e são meus males de sorte
que vos ameaça a morte
porque me negais a vida.

Se por boa

tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
havei vós perdão de Amor,
que a parte já vos perdoa.

Mas o que mais temo, enfim,
é que nesta diferença
que se não torne a doença
se me não tornais a mim.

De verdade,

que já vossa humanidade
de que se queixe não tem;
pois para as almas também
fez Amor enfermidade.

116.

Esparsa

do Autor ao desconcerto do mundo

Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos;
e, para mais m'espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado.

Assim que, só para mim
anda o mundo concertado.

82.
Cantiga

*a esta cantiga alheia:
Pequenos contentamentos,
i buscar quem contenteis,
que a mim não me conheceis,*

VOLTAS

Os gostos, que tantas dores
fizeram já valer menos,
não os aceita pequenas,
quem nunca teve maiores.
Bem parecem vãos favores,
pois tão tarde me quereis
qu'inda me não conheceis.

Ofereceis-me alegria,
tendo-me já cego e mouco:
é baixeza aceitar pouco
quem tanto vos merecia.
Ide-vos por outra via,
pois o bem que me deveis
nunca mo satisfareis.

52.
Cantiga

*a este mato seu:
Descalça vai pela neve:
assi faz quem Amor serve.*

VOLTAS

Os privilégios que os reis
não podem dar, pode Amor,
que faz qualquer amador
livre das humanas leis.
Mortes e guerras cruéis,
ferro, frio, fogo e neve,
tudo sofre quem o serve.

Moça fermosa despreza
todo o frio e toda a dor
(olhai quanto pode Amor
mais que a própria natureza):
medo nem delicadeza
lhe impede que passe a nove;
assi faz quem Amor serve.

Por mais trabalhos que leve,
a tudo se ofereceria;
passa pela nove fria,
mais alva que a própria neve;
com todo o frio se atreve;
vede em que fogo ferve
o triste que o Amor serve.

49.

Improviso

*A ùas Senhoras que, jogando
perto de ùa janela, Ihes cairam
«três paus» e deram na cabeça
de Camões:*

Para evitar dias maus
da vida triste que passo,
mandem-me dar um baração,
que já cá tenho três paus.

20.

Trovas

*a ùa Senhora que estava
rezando por ùas contas*

Peço-vos que me digais
as orações que rezastes
se são pelos que matastes,
se por vós, que assi matais?
Se são por vós, são perdidas;
que, qual será a oração

que seja satisfação,
Senhora, de tantas vidas?

Que, se vedes quantos vêm
a só vida vos pedir,
como vos há Deus ouvir
se vós não ouvis ninguém?
Não podeis ser perdoada
com mãos a matar tão prontas,
que, se nua trazeis contas,
na outra trazeis espada

Se dizeis que encomendando
os que matastes andais,
se rezais por quem matais,
para que matais rezando?
Que, se na força do orar
levantais as mãos aos
Céus, não as ergueis para Deus,
erguei-las para matar.

E quando os olhos cerrais
todaenlevada na fé,
cerram-se os de quem vos vê,
para nunca verem mais.
Pois se assi forem tratados
os que vos vêm quando orais,
essas horas que rezais
são as horas dos finados.

Pois logo, se sais servida
que tantos mortos não sejam,
não rezeis onde vos vejam,
ou vede para dar vida.

Ou, se quereis escusar
estes males que causastes,
ressuscitai quem matastes,
não tereis por quem rezar.

24. Cantiga

a este moto:

*Vi chorar uns claros olhos
quando deles me partia.
Oh! que mágoa! Oh! que alegria!*

VOLTAS

Pelo meu apartamento
se arrasaram todos d'água.
Quem cuidou que em tanta mágoa
achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
qual mais sentir se devia:
se esta dor, se esta alegria!

Quando mais perdido estive,
então deu a esta alma minha
na maior mágoa que tinha
o maior gosto que tive.
Assi, se minh'alma vive
foi porque me defendia
desta dor esta alegria.

O bem que Amor me não deu no
tempo que o desejei,
quando dele me apartei
me confessou que era meu.
Agora, que farei eu
se a fortuna me desvia
de lograr esta alegria?

Não sei se foi enganado,
pois me tinha defendido
das iras de mal querido
no mel de ser apartado.
Agora peno dobrado,
achando no fim do dia
o princípio d'alegria.

72. Cantiga

*a este moto sei:
Se de meu mal me contento,
é porque para vós vejo
em todo o mundo desejo*

e em ninguém merecimento.

VOLTAS

Para quem vos soube olhar,
tão impossível foi ser
o poder-vos merecer,
como o não vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
nenhum remédio lhe vejo,
senão se der o desejo
asas ao merecimento.

92.

Cantiga

a esta cantiga alheia
Perdigão perdeu a pena,
não há mal que lhe não venha:

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
subiu em alto lugar,
perde a pena do voar,
ganha a pena do tormento.
Não tem no ar nem no vento
asas, com que se sustenha:
não há mal que lhe não venha.

Quis voar a ùa alta torre
mas achou-se desasado;
e, vendo-se depenado,
de puro penado morre.
Se a queixumes se socorre,
lança no fogo mais lenha:
não há mal que lhe não venha.

27.

Trovas

*a ùna Senhoras que haviam de ser
terceiras para com ùa Dama sua*

Pois a tantas perdições,
Senhoras, quereis dar vida,
ditosa seja a ferida
que tem tais cerurgiões!

Pois ventura
me subiu a tanta altura
que me sejais valedoras,
ditosa seja a tristura
que se cura
por vossos rogos, Senhoras!

Ser minha pena mortal,
já que entendeis que é assim,
não quero falar por mim,
que por mim fala meu mal.

Sois fermosas,
haveis de ser piadosas,
por ser tudo ùa cor;
que pois Amor vos fez rosas
milagrosas,
fazei milagres d'amor.

Pedi a quem vós sabeis
que saiba de meu trabalho,
não pelo que eu nisso valho,
mas pelo que vós valeis.

Que o valer
de vosso alto merecer,
com lho pedir de gíolhos,
fará que em meu padecer
possa ver
o poder que têm seus olhos.

Vossa muita fermosura
co a sua tanto val
que me rio de meu mal
quando cuido em quem mo cura.

A meus ais
peço-vos que lhe valhais,
Damas de Amor tão validas,
que nunca tal dor sintais
que queirais
onde não sejais queridas.

103.
Cantiga

a este vilancete pastoril

—Deus te salve, Vasco amigo
Não me falas ? Como assi ?
—Bofé, Gil, não estava aqui

VOLTAS

Pois onde te hão-de falar,
se não estás onde apareces?
—Se Madanela conheces,
nela me podes achar.
—E como te hão-de ir buscar,
aonde fogem de ti?
—Pois nem eu estou em mi.

Porque te não acharei
em ti, como em Madanela?
—Porque me fui perder nela
o dia que me ganhei.
—Quem tão bem fala, não sei
como anda fora de si.
—Ela fala dentro em mi.

Como estás aqui presente,
se lá tens a alma e a vida?
—Porque é de ùa alma perdida
aparecer sempre à gente.
—Se és morto, bem se consente
que todos fujam de ti.
—Eu também fujo de mi.

45.
Glosa

a este moto alheio:

Minha alma, lembrai-vos dela.

Pois o ver-vos tenho em mais
que mil vidas que me deis,
assi como a que me dais,
meu bem, já que mo negais,
meus olhos, não mos negueis.

E se a tal estado vim,
guiado de minha estrela,
quando houverdes dó de mim,
minha vida, dai-lhe a fim,
minha alma. lembrai-vos dela.

17.
Cantiga

a este cantar velho:
Coifa de beirame
namorou Joane.

VOLTAS

por cousa tão pouca
andas namorado?
Amas a toucado
e não quem o touca?
Ando cega e louca
por ti, meu Joane;
tu, pelo beirame.

Amas o vestido?
És falso amator.
Tu não vês que Amor
se pinta despido?
Cego e perdido
andas por beirame,
e eu por ti, Joane.

Se alguém te vir,
que dirá de ti?
Que deixas a mi
por cousa tão vil!
Terá bem que rir,

pois amas beirame,
e a mim não, Joane.

Quem ama assi
há-de ser amada;
ando maltratada
de amores, por ti.
Ama-me a mi,
e deixa o beirame,
que é razão, Joane!

A todos encanta
tua parvoíce;
de tua doudice
Gonçalo se espanta
e zombando canta:
—Coifa de beirame
namorou Joane!

Eu não sei que viste
neste meu toucado,
que tão namorado
dele te sentiste.
Não te veja triste:
ama-me, Joane,
e deixa o beirame!

(Joane gemia,
Maria chorava,
assi lamentava
o mal que sentia;
os olhos feria,
e não o beirame
que matou Joane.)

Não sei de que vem
Amares vestido;
que o mesmo Cupido
vestido não tem.
Sabes de que vem
amares beirame?
Vem de ser Joane.

59.
Glosa

ao mesmo moto

Posible es a mi cuidado
poderme hacer satisfecho,
si fuera posible al hado
hacer no echo lo echo,
y futuro lo pasado.
Si olvido pudiera haber,
fuera remedio sufrible;
mas ya que no puede ser,
para contento me hacer,
todo es poco lo posible.

54.
Cantiga

a esta cantiga alheia:
Na fonte está Leonor
lavando a talha e chorando,
as amigas perguntando:
vistes lá o meu amor?

VOLTAS

Posto o pensamento nele,
porque a tudo o Amor a obriga,
cantava, mas a cantiga
eram suspiros por ele.
Nisto estava Leonor
o seu desejo enganando,
às amigas perguntando:
vistes lá o meu amor?

O rosto sobre ùa mão,
os olhos no chão pregados,
que, do chorar já cansados,
algum descanso lhe dão.
Desta sorte Leonor
suspende de quando em quando
sua dor; e, em si tornando,
mais pesada sente a dor.

Não deita dos olhos água,
que não quer que a dor se abrande
Amor, porque em mágoa grande
seca as lágrimas a mágoa.
Que, depois de seu amor
soube novas, perguntando,
d'empvviso a vi chorando.
Olhai que extremos de dor!

30.
Cantiga

a este moto:
Ojos, herido me habéis,
acabad ya de matarme;
mas, muerto, volve á mirarme,
por que me resucitéis.

VOLTAS

Pues me distes tal herida,
con gana de darne muerte,
el morir me es dulce suerte,
pues con morir me dais vida.
Ojos, ¿qué os detenéis?
Acabad ya de matarme;
mas muerto volved á mirarme,
por que me resucitéis.

La llaga cierto ya es mía,
aunque, ojos, vos no queráis;
mas si la muerte me dais,
el morir me es alegría.
Y así digo que acabéis,
ojos, ya de matarme;
mas muerto, volved á mirarme,
por que me resucitéis.

23.
Trovas

a ùa Dama que lhe jurara

sempre por seus olhos

Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuidado que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.

3.

Cantiga

a esta cantiga alheia:

*Vida da minh'alma
não vos posso ver:
isto não é vida
para se sofrer!*

VOLTAS

Quando vos eu via,
esse bem lograva,
a vida estimava;
mais então vivia,
porque vos servia
só para vos ver.
Já que vos não vejo,
para que é viver?

Vivo sem rezão,
porque em minha dor
não a pôs Amor,
que inimigos são.
Mui grande treição
me obriga a fazer
que viva, Senhora,
sem vos poder ver.

Não me atrevo já,
minha tão querida,
a chamar-vos vida,
porque a tenho má.
Ninguém cuidará,
que isto pode ser,
sendo-me vós vida,
não poder viver!

109.
Trovas

*que o Autor mandou da cadeia
em que o tinha embargado por
ũa dívida Miguel Roiz, «Fios-Secos»
de alcunha, que se embarcava para fora,
ao Conde do Redondo, Vizo-Rei, pedindo-lhe
o fizesse desembargar*

Que diabo há tão danado
que não tema a cutilada
dos fios secos da espada
do fero Miguel armado?
Pois se tanto um golpe seu
soa na infernal cadeia,
do que o demónio arreceia,
como não fugirei eu?

Com razão lhe fugiria,
se contra ele, e contra tudo,
não tivesse um forte escudo
só em Vossa Senhoria.
Portanto, Senhor, proveja,
pois me tem ao remo atado,
que, antes que seja embarcado,
eu desembargado seja.

108.
Esparsa

*a um fidalgo, na Índia, que lhe
tardava com uma camisa galante,
que lhe prometera*

Quem no mundo quiser ser
havido por singular,
para mais se engrandecer
há-de trazer sempre o dar
nas ancas do prometer.
E já que vossa mercê
largueza tem por divisa,
como todo mundo vê,
há mister que tanto dê
que venha [a] dar a camisa.

36.
Cantiga

*a este moto:
Quem se confia em olhos,
nas meninas deles vê,
que meninas não têm fé.*

VOLTAS

Quem põe suas confianças
em meninas sem assento,
ofereça o sofrimento
a duzentas mil mudanças.
Mostram no ar esperanças,
mas em seus olhos se vê
como não têm n'alma fé.

Enganam ao parecer,
porque, no caso de amar,
são mulheres no matar
e meninas no querer.
Quem em seus olhos se crer,

cem mil graças neles vê;
vê-las, sim, mas não ter fé.

Amostram-vos num momento
favores assi a molhos;
mas na mudança dos olhos
se lhe muda o pensamento.
Em nada têm assento,
e o que mais neles se vê
é fermosura sem fé.

99.
Cantiga

*a uma Dama de apelido Anjos,
que lhe chamou diabo*

MOTO:

*Senhora, pois me chamais
tão sem razão tão mau nome,
inda o diabo vos tome,*

VOLTAS

Quem quer que viu, ou que leu,
terá por novo e moderno
ter quem vive no Inferno
o pensamento no Céu.
Mas se a vós vos pareceu
que me estava bem tal nome,
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguém
confesso, Senhora, ser;
mas «diabo» não quer
aos «Anjos» tamanho bem.
Pois logo não me convém,
ou se me convém tal nome
será para que vos tome.

Se vos benzeis com cautela,
como de Anjo, e não de luz,
mal pode fugir da Cruz
quem vós tendes posto nela.
Mas já que foi minha estrela,
ser «diabo», e ter tal nome,

guardai-vos, que vos não tome

Já que chegais tanto ao cabo,
co as mãos postas aos Céus,
vou sempre pedindo a Deus
que vos leve este «diabo».
Eu, Senhora, não me gabo;
mas, pois que me dais tal nome,
tomo-o, para que vos tome.

79. Cantiga

a ùa Dama mal empregada
MOTO SEU:
Minina, não sei dizer,
vendo vos tão acabada,
quão triste estou por vos ver
fermosa e mal empregada.

VOLTAS

Quem tão mal vos empregou,
pouco de mi se doía,
pois não viu quanto me ia
em tirar-me o que tirou.
Obriga o primor que tem
lindeza tão extremada
que digam quantos a vêm:
— Fermosa e mal empregada!

Tomastes da fermosura
quanto dela desejastes,
e com ela me guardastes
para tão triste ventura.
Matáveis sendo solteira,
matais agora em casada;
matais de toda a maneira;
Fermosa e mal empregada!

Cantiga

*a este moto alheio:
Há um bem que chega e foge;
e chama-se este bem tal,
ter bem para sentir mal.*

VOLTAS

Quem viveu sempre num ser,
inda que seja em pobreza,
não viu o bem da riqueza,
nem o mal de empobrecer:
não ganhou para perder;
mas ganhou com vida igual
não ter bem nem sentir mal.

039.

Glosa

ao mesmo moto

Querendo Amor esconder-vos
em parte que vos não visse,
com extremos de querer-vos
cegou-me os olhos com ver-vos,
levou-os, sem que vos visse.

Eu, cego, mas atinado,
quando vi que vos não via,
do mesmo Amor indinado,
já vedes qual ficaria
sem vós e com meu cuidado.

006.

Cantiga

*a uma Dama,
em forma de carta*

Querendo escrever um dia
o mal que tanto estimei,

cuidando no que poria,
vi Amor que me dizia:
escreve, que eu notarei.

E como para se ler
não era história pequena
a que de mim quis fazer,
das asas tirou a pena
com que me fez escrever.

E, logo como a tirou,
me disse: Aviva os espíritos,
que, pois em teu favor sou,
esta pena que te dou
fará voar teus escritos.

E dando-me a padecer
tudo o que quis que pusesse,
pude, enfim, dele dizer
que me deu com que escrevesse
o que me deu a escrever.

Eu, qu' este engano entendi,
disse-lhe:—que escreverei ?

Respondeu, dizendo assi:
—Altos afeitos de ti,
e daquela a quem te dei.

E já que te manifesto
todas minhas estranhezas,
escreve, pois que te prezas,
milagres dum claro gesto
e, de quem o viu, tristezas.

Ah! Senhora, em quem se apura,
a fé de meu pensamento!

Escutai e estai a tento,
que, com vossa fermosura,
igual a Amor meu tormento.

E, posto que tão remota
estejais de me escutar,
por me não remediar,
ouvi, que, pois Amor nota,
milagres se hão-de notar:

Nota

Escrevem vários autores,
que, junto da clara fonte

do Ganges, os moradores
vivem do cheiro das flores
que nascem naquele monte.
Se os sentidos podem dar
mantimento ao viver,
não é, logo, d'espantar,
se estes vivem de cheirar,
que viv' eu só de vos ver.

 üa árvore se conhece,
 que, na geral alegria,
ela só tanto entristece, que,
 como é noite, floresce,
 e perde as flores de dia.
Eu, que em ver-vos sinto o preço
que em vossa vista consiste,
em a vendo me entristeço,
porque sei que não mereço
a glória de viver triste.

Um rei de grande poder
com veneno foi criado,
porque, sendo costumado,
não lhe pudesse empecer
se depois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
a vida a quanto padece,
desta sorte me acontece,
que não me faz mal a pena
senão quando me falece.

 Quem da doença real,
de longe, enfermo se sente,
 por segredo natural
fica são, vendo somente
 um volátil animal.
Do mal que Amor em mim cria,
quando aquela Fénix vejo,
 são de todo ficaria;
 mas fica-me hidropesia,
que quanto mais, mais desejo.

Da bívora é verdadeiro
se a consorte vai buscar,
que, em se querendo juntar,
deixa a peçonha primeiro,
porque lhe impede o gerar.

Assi quando me apresento
à vossa vista inumana,
a peçonha do tormento
deixo a parte, porque dana
tamanho contentamento.

Querendo Amor sustentar-se,
fez ùa vontade esquiva
dùa estátua namorar-se;
despois, por manifestar-se,
converteu-a em mulher viva.
De quem me irei queixando,
ou quem direi que m'engana,
se vou seguindo e buscando
ùa imagem que, de humana,
em pedra se vai tornando?

De ùa fonte se sabia,
da qual certo se provava
que, quem sobr' ela jurava,
se falsidade dizia,
dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tiranizais,
injustamente mandais
quando vos falo verdade
que vos não possa ver mais.

Da palma se escreve e canta
ser tão dura e tão forçosa,
que peso não a quebranta,
mas antes, de presunçosa,
com ele mais se levanta.
Co peso do mal que dais,
a constancia que em mim vejo
não somente ma dobrais,
mas dobra-se meu desejo,
com que então vos quero mais.

Se alguém os olhos quiser
as andorinhas quebrar,
logo a mãe, sem se deter,
ùa erva lhe vai buscar,
que lhe faz outros nascer.
Eu, que os olhos tenho a tento
nos vossos, que estrelas são,
cegam-se os do entendimento,

mas nascem-me os da razão
de folgar com meu tormento.

Lá para onde o sol sai
descobrimos, navegando,
um novo rio admirando,
que o lenho que nele cai,
em pedra se vai tornando.
Não se espantem disto as gentes;
mais razão será que espante
um coração tão possante
que, com lágrimas ardentes,
se converte em diamante.

Pode um mudo nadador
na linha e cana influir
tão venenoso vigor
que faz mais não se bulir
o braço do pescador.
Se começam de beber
deste veneno excelente
meus olhos, sem se deter,
não se sanem mais mover
a nada que se apresente.

Isto são claros sinais
do muito que em mim podeis:
nem podeis desejar mais;
que, se ver-vos desejais,
em mim claro vos vereis.
E quereis ver a que fim
em mim tanto bem se pôs?
Porque quis Amor assim
que, por vos verdes a vós,
também me vísseis a mim.

Dos males que me ordenais,
que inda tenho por pequenos,
sabei, se mos escutais,
que ja não sei dizer mais,
nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
não se acha quem resista,
eu, Senhora, me contento
de terdes meu sofrimento
por alvo de vossa vista.

Quantos contrários consente
Amor, por mais padecer!
Que aquela vista excelente,
que me faz viver contente,
me faça tão triste ser!
Mas dou este entendimento
ao mal que tanto me ofende,
como na vela se entende
que, se se apaga co vento,
co mesmo vento se acende.

Exprimentou-se algũa hora
da ave que chamam Camão,
que, se da casa onde mora
vê adúltera a senhora,
morre de pura paixão.
A dor é tão sem medida,
que remédio lhe não val;
mas, oh ditoso animal,
que pode perder a vida
quando vê tamanho mal!

Nos gostos de vos querer
estava agora enlevado,
se não fora salteado
das lembranças de temer
ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
com que o pensamento sonha,
são assi como as Harpias,
que as mais doces iguarias,
vão converter em peçonha.

Faz-me este mal infinito
não poder já mais dizer,
por não vir a corromper
os gostos que tenho escrito
cos males que hei-de escrever.
Não quero que se apregoe
mal tanto para encobrir,
porque, enquanto aqui se ouvir,
nenhũa outra coisa soe
que a glória de vos servir.

Cantiga

*a ùa mulher que foi açoutada
por um homem de apelido
Quaresma, na Índia*

MOTO:

*Não estejais agravada,
senão se for de vós mesma;
porque a mulher que é errada
com razão pela Coresma
deve ser desciprinada.*

VOLTAS

Quererdes profano amor
em Coresma, é consciência:
açoutes e penitência
vos está muito melhor.
Não fiqueis disto afrontada,
pois a culpa é vossa mesma;
que mulher que é tão malvada
é bem que pela Coresma
seja bem desciprinada.

Se a penitência vos val,
mui bem açoutada estais;
pois por Coresma pagais

vossos vícios do carnal.
Não torneis a ser errada,
nem condeneis a vós mesma,
pois estais já emendada;
e não sereis por Coresma
outra vez desciprinada.

090.

Cantiga

*a ùa Dama a quem
não podia encontrar*

MOTO:

*Qual terá culpa de nós
neste mal que todo é meu?
quando vindes, não vou eu,
quando vou, não vindes vós*

VOLTAS

Reinando Amor em dous peitos,
tece tantas falsidades,
que, de conformes vontades,
faz desconformes efeitos.
Igualmente vive em nós;
mas, por desconcerto seu,
vos leva, se venho eu,
me leva, se vindes vós.

061. Cantiga

*a ùa Dama que estava
vestida de dó
MOTO:
De atormentado e perdido,
já vos não peço senão
que tendes no coração
o que tendes no vestido.*

VOLTAS

Se de dó vestida andais
por quem já vida não tem,
porque não no haveis de quem
vós tantas vezes matais?
Que brado sem ser ouvido,
e nunca vejo senão
cruzas no coração,
e grande dó no vestido.

018. Trovvas

*a ùa Senhora a quem deram um
pedaço de cetim amarelo pera hùia
filha de quem se tinha suspeita*

Se derivais da verdade

esta palavra Sitim,
achareis, sem falsidade,
que após o Si, tem o Tim,
que tine em toda a cidade.
Bem vejo que me entendeis;
mas porque não fale em vão,
sabei que a esta nação
tanto que o Si concedeis
o Tim logo está na mão.

E quem da fama se arreda,
que tudo vai descobrir,
deve sempre de fugir
de sitins, porque da seda
seu natural é rugir.
Mas pano fino e delgado,
qual raxa e outros assi,
dura, aqueenta e é calado,
amoroso, e dá de si,
mais que sitim, nem borcado.

Mas estes, que sedas são
com quem s'enganam mil Damas,
mais vos tomam do que dão;
prometem, mas não darão
senão nódoas para as famas.
E se não me quereis crer,
ou tomais outro caminho,
por exemplo o podeis ver,
quando lá virdes arder
a casa de algum vezinho.

Ó feminina simpreza,
donde estão culpas a pares,
que por um Dom de nobreza,
deixam dões de natureza,
mais altos e singulares
—um dom que anda enxertado
no nome, e nas obras não!—
(Falo como experimentado;
que, sitim desta feição,
eu tenho muito cortado.)

Dizem-me que era amarelo;
a quem assi o quis dar,
só para me Deus vingar,
se vem à mão, amarelo,

o que eu não posso cuidar.
Porque quem sabe viver
por estas artes manhosas
(isto bem pode não ser),
dá a mininas fermosas
somente polas fazer.

Quem vos isto diz, Senhora,
serviu nas vossas armadas
muito, mas anda já fora;
e pode ser que inda agora
traz abertas as frechadas.
E, posto que desfavores
o tiram de servidor,
quer-vos ventura melhor;
que dos antigos amores
inda lhe fica este amor.

021.
Cantiga

*a este mato alheio:
Se me levam águas
nos olhos as levo.*

VOLTAS

Se de saudade
morrerei ou não,
meus olhos dirão
de mim a verdade.
Por eles me atrevo
a lançar as águas
que mostrem as mágoas
que nesta alma levo.

As águas que em vão
me fazem chorar,
se elas são do mar
estas d'amar são.
Por elas relevo
todas minhas mágoas;
que, se força d'águas
me leva, eu as levo.

Todas me entristecem,
todas são salgadas;
porém as choradas
doces me parecem.
Correi, doces águas,
que, se em vós me enlevo,
não doem as mágoas
que no peito levo!

076.
Cantiga

*a este moto alheio:
Vede bem se nos meus dias
os desgostos vi sobejos,
pois tenho medo a desejos
e quero mal a alegrias.*

VOLTAS

Se desejos fui já ter,
serviram de atormentar-me;
se algum pôde alegrar-me,
quis-me antes entristecer.
Passei anos, passei dias,
em desgostos tão sobejas
que, só por não ter desejos,
perderei mil alegrias.

087.
Cantiga

*a esta cantiga alheia:
Se me desta terra for,
eu vos levarei, amor.*

VOLTAS

Se me for, e vos deixar
(ponho, por caso, que possa),
esta alma minha, que é vossa,

convosco me há-de ficar.
Assi que, só por levar
a minh'alma, se me for,
vos levarei, meu amor.

Que mal pode maltratar-me
que convosco seja mal?
Ou que bem pode ser tal
que sem vós possa alegrar-me?
O mal não pode enojar-me,
o bem me será maior
se vos levar, meu amor.

097.
Esparsa

a ùa Dama por quem penava

Se na alma e no pensamento
por vosso me manifesto,
não me pesa do que sento;
que, se não sofrer tormento,
faço ofensa a vosso gesto.
E, pois quanto Amor ordena
e quanto esta alma deseja
tudo à morte me condena,
não quero senão que seja
tudo pena, pena, pena.

113.
Trovas

*que Luís de Camões fez, na Índia,
a certos fidalgos a quem convidara para cear*

A primeira iguaria foi posta
a Casco de Ataíde. entre dous pratos,
e diria assim:

Se não quereis padecer
ũa ou duas horas tristes,

sabeis que haveis de fazer?
Volveros por do venistes,
que aqui não há que comer.
E posto que aqui leiais
trovinha que vos enleia,
corrido não estejais;
porque por mais que corrais
não heis-de alcançar a ceia.

A segunda, a D. Franeisco d'Almeida:

Heliogábalo zombava
das pessoas convidadas,
e de sorte as enganava
que as iguarias que dava
vinham nos pratos pintadas.
Não temais tal travessura,
pois já não pode ser nova;
que a ceia está mui segura
de vos não vir em pintura,
mas há-de vir toda em trova.

A terecira, a Heitor da Silveira:

Ceia não a papareis;
contudo, porque não minta,
para beber achareis,
não Caparica, mas tinta,
e mil cousas que papeis.
E vós torceis o focinho,
com esta anfibologia?
Pois sabei que a Poesia
vos dá aqui tinta por vinho,
e papéis por iguaria.

A quarta foi posta a João Lopes Leitão,
a quem o Autor mandou um moto,
que vai adiante, sobre uma peça
de cacha, que este mandas ù a da Dama:

Porque os que vos convidaram
vosso estômago não danem,
por justa causa ordenaram,
se trovas vos enganaram,
que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
converter tudo em trovar;

pois se me virdes zombar,
não cuideis, Senhor, que é cacha,
que aqui não há cachar.

Finge que, responde João Lopes Leitão:

Pesar ora não de São!
Eu juro pelo Céu bento
se de comer me não dão,
que eu não sou camaleão
que me hei-de manter do vento.

Finge que responde o Autor:

Senhor, não vos agasteis,
porque Deus vos proverá;
e se mais saber quereis,
nas costas deste lereis
as iguarias que há.

Vira o papel, que dizia assi:

Tendes nem migalha assada,
cousa ne~nua de molho,
e nada feito em empada,
e vento de tigelada,
picar no dente em remalho.
De fumo tendes tassalhos,
aves da pena que sente
quem de fome anda doente;
bocejar de vinho e de alhos,
manjar em branco excelente.

A quinta e derradeira iguaria foi posta
a Francisco de Melo e dizia:

De um homem que teve o ceptro
da veia maravilhosa,
não foi cousa duvidosa
que se lhe tornava em metro
o que ia a dizer em prosa.
De mim vos quero apostar
que faça cousas mais novas
de quanto podeis cuidar:
esta ceia, que é manjar,
vos faça na boca em trovas.

034.
Glosa

*a este moto alheio:
Vejo-a n'alma pintada
quando me pede o desejo
o natural que não vejo.*

Se só no ver puramente
me transformei no que vi,
de vista tão excelente
mal poderei ser ausente
enquanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
a traz tão bem debuxada,
e a memória tanto voa
que se a não vejo em pessoa,
vejo-a n'alma pintada.

O desejo, que se estende
ao que menos se concede,
sobre vós pede e pretende,
como o doente que pede
o que mais se lhe defende.
Eu, que em ausência não vejo,
tenho piadade e pejo
de me ver tão pobre estar,
que então não tenho que dar
quando me pede o desejo,

Como aquele que cegou
é cousa vista e notória
que a natureza ordenou
que se lhe dobre em memória
o que em vista lhe faltou;
assi a mim, que não rejo
os olhos ao que desejo,
na memória e na firmeza
me concede a natureza
o natural que não vejo.

025.

Cantiga

*a este mato alheio:
Trocai o cuidado,
Senhora, comigo;
vereis o perigo
que é ser desamado.*

VOLTAS

Se trocar desejo
o amor entre nós,
é para que em vós
vejais o que vejo.
E sendo trocado
este amor comigo,
ser-vos-á castigo
terdes meu cuidado.

Tendes o sentido
d'amor livre e isento;
e cuidais que é vento
ser tão mal querido.
Não seja o cuidado
tão vosso inimigo
que queira o perigo
de ser desamado.

Mas nunca foi tal
este meu querer,
que a quem tanto quer
queira tanto mal.
Seja eu maltratado,
e nunca o castigo
vos mostre o perigo
que é ser desamado.

050. Cantiga

*este moto:
Quem disser que a barca pende,
dir-lhe hei, mana, que mente.*

VOLTAS

Se vos quereis embarcar
e para isso estais no cais,
entrai logo; que tardais?
Olhai que está preiamar!
E se outrem, por vos fretar,
vos disser que esta que pende,
dir-lhe hei, mana, que mente.

Esta barca é de carreira,
tem seus aparelhos novos;
não há como ela outra em Povos,
boa de leme e veleira.
Mas, se por ser a primeira,
vos disser alguém que pende,
dir-lhe hei, mana, que mente.

098.

Esparsa

*a ùia Dama que lhe chamou
«cara-sem-olhos»*

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu:
pois «cara-sem-olhos» viu
olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
pois quereis que olhos neo sejam;
vendo-vos, olhos sobejam,
não vos vendo olhos não são.

114.

Cantiga

*a João Lopez, Leitão, na Índia,
por causa de~ua peça de cacha
que este mandou a ~ua Dama
que se lhe fazia donzela*

MOTO:

*Se vossa dama vos dá
tudo quanto vós quisestes,*

*dizei: para que lhe destes
o que vos ela fez já?*

VOLTAS

Sendo os restos envidados
e vós de cachas mil contos,
sabeis com quão poucos pontos
que lhos achastes quebrados.

Se o que tem, isso vos dá,
vós mui bem lho merecestes,
porque, se a cacha lhe destes,
tinha-vo-la feita já.

001. Trovas

*a uma Dama que lhe mandou
pedir algumas obras suas*

Senhora, se eu alcançasse
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papéis
pola minha se trocasse;
e por ver
tudo o que posso escrever
em mais breve relação,
indo eu onde eles vão,
por mim só quisésseis ler;

Depois de ver um cuidado
tão contente de seu mal,
veríeis o natural
do que aqui vedes pintado;
que o perfeito
Amor, de que sou sujeito,
vereis áspero e cruel,
aqui com tinta e papel,
em mim co sangue no peito.

Que um contino imaginar
naquilo que Amor ordena,
é pena que, enfim, por pena

se não pode declarar;
que, se eu levo
dentro n'alma quanto devo
de trasladar em papéis,
vede qual melhor lereis:
se a mim, se aquilo que escrevo?

095.
Cantiga

a este moto:
Dó la mi ventura?
Que no veo alguna.

VOLTAS

Sepa quién padece
que en la sepultura
se esconde ventura de
quién la merece.
Allá me parece
que quiere fortuna
que yo halle alguna.

Naciendo mezquino,
dolor fué mi cama;
tristeza fué el ama,
cuidado el padrino.
Vestióse el destino,
negra vestidura;
huyó la ventura.

No se halló tormento,
que allí no se hallase;
ni bien que pasase,
sino como viento.
¡Oh, que nacimiento,
que luego en la cuna
me siguió fortuna!

Esta dicha mía,
que siempre busqué,
buscandola, hallé
que no la hallaría;

que quién nace en día
d'estrella tan dura,
nunca halla ventura.

No puso mi estrella
más ventura en mí;
así vive en fin
quién nace sin ella.
No me quejo della;
quéjome que atura
vida tan escura.

118.
SUPER FLUMINA ...

Sôbolos rios que vão
por Babilónia, m'achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quanto nela passei.

Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilónia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Ali, lembranças contentes
n'alma se representaram,
e minhas cousas ausentes
se fizeram tão presentes
como se nunca passaram.
Ali, depois de acordado,
co rosto banhado em água,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não é gosto, mas é mágoa.

E vi que todos os danos
se causavam das mudanças
e as mudanças dos anos;
onde vi quantos enganos
faz o tempo às esperanças.
Ali vi o maior bem

quão pouco espaço que dura,
o mal quão depressa vem,
e quão triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquilo que mais val,
que então se entende melhor
quanto mais perdido for;
vi o bem suceder mal,
e o mal, muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento;
vi nenhum contentamento,
e vejo-me a mim, que espalho
tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas águas,
com que banho este papel;
bem parece ser cruel
variedade de mágoas
e confusão de Babel.
Como homem que, por exemplo
dos transe em que se achou,
depois que a guerra deixou,
pelas paredes do templo
suas armas pendurou:

Assi, depois que assentei
que tudo o tempo gastava,
da tristeza que tomei nos
salgueiros pendurei os órgãos
com que cantava.

Aquele instrumento ledado
deixei da vida passada,
dizendo:—Música amada,
deixo-vos neste arvoredo
à memória consagrada.
Fruta minha que, tangendo,
os montes fazíeis vir
para onde estáveis, correndo;
e as águas, que iam decendo,
tornavam logo a subir:
jamais vos não ouvirão
os tigres, que se amansavam,
e as ovelhas, que pastavam,
das ervas se fartarão
que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
em rosas tornar abrolhos
na ribeira florecente;
nem poreis freio à corrente,
e mais, se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
nem podereis já trazer
atrás vós a fonte pura,
pois não pudestes mover
desconcertos da ventura

Ficareis oferecida
à Fama, que sempre vela,
fruta de mim tão querida;
porque, mudando-se a vida,
se mudam os gostos dela.
Acha a tenta mocidade
prazeres acomodados,
e logo a maior idade
já sente por pouquidade
aqueles gostos passados.

Um gosto que hoje se alcança,
amanhã já o não vejo;
assi nos traz a mudança
de esperança em esperança,
e de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
que, quanto da vida passa
está receitando a morte!

Mas deixar nesta espessura
o canto da mocidade,
não cuide a gente futura
que será obra da idade
o que é força da ventura.
Que idade, tempo, o espanto
de ver quão ligeiro passe,
nunca em mim puderam tanto
que, posto que deixe o canto,
a causa dele deixasse.

Mas, em tristezas e enojas
em gosto e contentamento,

por sol, por neve, por vento,
terné presente a los ojos
por quien muero tan contento.

Orgãos e fruta deixava,
despojo meu tão querido,
no salgueiro que ali estava
que para troféu ficava
de quem me tinha vencido.

Mas lembranças da afeição
que ali cativo me tinha,
me perguntaram então:
que era da música minha
que eu cantava em Sião?
Que foi daquele cantar
das gentes tão celebrado?
Porque o deixava de usar?
Pois sempre ajuda a passar
qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoso.
por antr'o espesso arvoredos
e, de noite, o temeroso
cantando, refreia o medo.
Canta o preso documento
os duros grilhões tocando;
canta o segador contente;
e o trabalhador, cantando,
o trabalho menos sente.
Eu, qu'estas cousas senti
n'alma, de mágoas tão cheia
Como dirá, respondi,
quem tão alheio está de si
doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
quem em choro banh'o peito?
Porque se quem trabalhar
canta por menos cansar,
eu só descansos enjeito.

Que não parece razão
nem seria cousa idónea,
por abrandar a paixão,
que cantasse em Babilónia
as cantigas de Sião.
Que, quando a muita graveza

de saudade quebrante
esta vital fortaleza,
antes moura de tristeza
que, por abrandá-la, cante.

Que se o fino pensamento
só na tristeza consiste,
não tenho medo ao tormento
que morrer de puro triste,
que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei já,
nem menos o escreverei,
porque a pena cansará,
e eu não descansarei.

Que, se vida tão pequena
se acrecenta em terra estranha,
e se amor assi o ordena,
razão é que canse a pena
de escrever pena tamanha.
Porém se, para assentar
o que sente o coração,
a pena já me cansar
não canse para voar
a memória em Sião.

Terra bem-aventurada,
se, por algum movimento,
d'alma me fores mudada,
minha pena seja dada
a perpétuo esquecimento.
A pena deste desterro,
que eu mais desejo esculpida
em pedra, ou em duro ferro,
essa nunca sela ouvida,
em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
em Babilónia sujeito,
Hierusalém, sem te ver,
a voz, quando a mover,
se me congele no peito.
A minha língua se apegue
às fauces, pois te perdi,
se, enquanto viver assi,
houver tempo em que te negue

ou que me esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de Glória,
se eu nunca vi tua essência,
como me lembras na ausência?
Não me lembras na memória,
senão na reminiscência.
Que a alma é tábua rasa,
que, com a escrita doutrina
celeste, tanto imagina,
que voa da própria casa
e sobe à pátria divina.

Não é, logo, a saudade
das terras onde nasceu
a carne, mas é do Céu,
daquela santa cidade,
donde esta alma descendeu.
E aquela humana figura,
que cá me pôde alterar,
não é quem se há-de buscar:
é raio de fermosura,
que só se deve de amar.
Que os olhos e a luz que ateia
o fogo que cá sujeita,
não do sol, mas da candeia,
é sombra daquela Ideia
que em Deus está mais perfeita.
E os que cá me cativaram
são poderosos afeitos
que os corações têm sujeitos;
sofistas que me ensinaram
maus caminhos por direitos.

Destes, o mando tirano
me obriga, com desatino,
a cantar ao som do dano
cantares d'amor profano
por versos d'amor divino.
Mas eu, lustrado co santo
Raio, na terra de dor,
de confusão e de espanto,
como hei-de cantar o canto
que só se deve ao Senhor?

Tanto pode o beneficio
da Graça, que dá saúde,

que ordena que a vida mude;
e o que tomei por vício
me faz grau para a virtude;
e faz que este natural
amor, que tanto se preza,
suba da sombra ao Real,
da particular beleza
para a Beleza geral.

Pique logo pendurada
a fruta com que tangi,
ó Hierusalém sagrada,
e tome a lira dourada,
para só cantar de ti.
Não cativo e ferrolhado
na Babilónia infernal,
mas dos vícios desatado,
e cá desta a ti levado,
Pátria minha natural.
E se eu mais der a cerviz
a mundanos acidentes,
duros, tiranos e urgentes,
risque-se quanto já fiz
do grão livro dos viventes.
E tomando já na mão
a lira santa, e capaz
doutra mais alta invenção,
cale-se esta confusão,
cante-se a visão da paz.

Ouçá-me o pastor e o Rei,
retumbe este acento santo,
mova-se no mundo espanto,
que do que já mal cantei
a palinódia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
da alta torre de Sião,
à qual não posso subir
se me vós não dais a mão.

No grão dia singular
que na lira o douto som
Hierusalém celebrar,
lembrai-vos de castigar
os ruins filhos de Edom.
Aqueles que tintos vão

no pobre sangue inocente,
soberbos co poder vão,
arrasai-os igualmente,
conheçam que humanos são.

E aquele poder tão duro
dos afeitos com que venho,
que encendem alma e engenho,
que já me entraram o muro
do livre alvídrio que tenho;
estes, que tão furiosos
gritando vêm a escalar-me,
maus espíritos danosos,
que querem como forçosos
do alicerce derrubar-me;
Derrubui-os, fiquem sós,
de forças fracos, imbeles,
porque não podemos nós
nem com eles ir a Vós,
nem sem Vós tirar-nos deles.
Não basta minha fraqueza,
para me dar defesa,
se vós, santo Capitão,
nesta minha fortaleza
não puserdes guarnição.

E tu, ó carne que encantas,
filha de Babel tão feia,
toda de misérias cheia,
que mil vezes te levantas,
contra quem te senhoreia:
beato só pode ser
quem co a ajuda celeste
contra ti prevalecer,
e te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste;

Quem com disciplina crua
se fere mais que ùa vez,
cuja alma, de vícios nua,
faz nódoas na carne sua,
que já a carne n'alma fez.
E boato quem tomar
seus pensamentos recentes
e em nacendo os afogar,
por não virem a parar
em vícios graves e urgentes;

Quem com eles logo der
na pedra do furar santo,
e, batendo, os desfizer
na Pedra, que veio a ser
enfim cabeça do Canto;
Quem logo, quando imagina
nos vícios da carne má,
os pensamentos declina
àquela Carne divina
que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
cá deste mundo visível,
quanto ao homem for possível,
passar logo o entendimento
para o mundo inteligível:
ali achará alegria
em tudo perfeita e cheia,
de tão suave harmonia
que nem, por pouca, recreia,
nem, por sobeja, enfastia.

Ali verá tão-profundo
mistério na suma alteza
que, vencida a natureza,
os mores faustos do mundo
julgue por maior baixesa
Ó tu, divino aposento,
minha pátria singular!
Se só com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
para ti, terra excelente,
tão justo e tão penitente
que, depois de a ti subir
lá descanse eternamente.

094.
Cantiga

*a este moto seu:
Venceu-me Amor, não o nego;
tem mais força qu'eu assaz;*

*que, como é cego, e rapaz,
dá-me porrada de cego!*

VOLTAS

Só porque é rapaz ruim,
dei-lhe um bofete, zombando;
diz-me:—Ó mau, estais-me dando
porque sois maior que mim?
pois se vos eu descarrego...
Em dizendo isto, chaz!
torna-m'outra. Tá! rapaz,
que dás porrada de cego!

016. Trovas

a ùas suspeitas

Suspeitas, que me quereis?
Que eu vos quero dar lugar,
que, de certas, me mateis,
se a causa de que nasceis
vos quisesse confessar.
Que de não lhe achar desculpa
a grande mágoa passada
me tem a alma tão cansada
que, se me confessa a culpa,
tê-la-ei por desculpada.

Ora vede que perigos
têm cercado o coração,
que, no meio da opressão,
a seus próprios inimigos
vai pedir a defesa!
Que, suspeitas, eu bem sei,
como se claro vos visse,
que é certo o que já cuidei;
que nunca mal suspeitei
que certo me não saísse.

Mas queria esta certeza
daquela que me atormenta;

por que em tamanha estreiteza
ver que disso se contenta
é descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade
me confessa, limpa e nua
de cautela e falsidade,
não pode a minha vontade
desconformar-se da sua.

Por segredo namorado
é certo estar conhecido
que o mal de ser enjeitado
mais atormenta sabido,
mil vezes, que suspeitado.
Mas eu só, em quem se ordena
novo modo de querela,
de medo da dor pequena,
venho achar na maior pena
o refrigério para ela.

Já nas iras me inflamei,
nas vinganças, nos furores
que já, doudo, imaginei;
e já mais doudo o jurei
de arrancar d'alma os amores.
Já determinei mudar-me
pra outra parte com ira;
depois vim a concertar-me que
era bom certificar-me
no que mostrava a mentira.

Mas depois já de cansadas
as fúrias do imaginar,
vinha enfim a arrebentar
em lágrimas magoadas
e bem para magoar.
E deixando-se vencer
os meus fingidos enganos,
de tão claros desenganos
não posso menos fazer
que contentar-me cos danos.

E pedir que me tirassem
este mal de suspeitar
que me vejo atormentar,
ainda que me confessassem
quanto me pode matar.

Olhai bem se me trazeis,
Senhora, posto no fim;
pois neste estado a que vim,
para que vós confesseis
se dão os tratos a mim.

Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
tal justiça lhe convinha;
porque da culpa que é vossa
venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada,
olhai com que-cor se doura,
que quer, no fim da jornada,
que vós sejais confessada
para que eu seja o que moura!

Pois confessai-vos já' gora,
inda que tenho temor
que nem nest' última hora
me há-de perdoar Amor
vossos pecados, Senhora.
E assi vou desesperado,
porque estes são os costumes
de amor que é mal empregado,
do qual vou já condenado
ao inferno, de ciúmes!

028. Glosas

*ao moto que lhe enviou Dona
Francisca de Aragão para que lho
glosasse:*

Mas porém a que cuidados ?
1ª.

Tanto maiores tormentos
foram sempre os que sofri,
daquilo que cabe em mi,
que não sei que pensamentos
são os para que nasci.
Quando vejo este meu peito

a perigos arriscados
inclinado, bem suspeito
que a cuidados sou sujeito;

Mas porém a que cuidados ?
2ª.

Que vindes em mim buscar,
cuidados, que sou cativo,
e não tenho que vos dar?
Se vindes a me matar,
já há muito que não vivo;
se vindes, porque me dais
tormentos desesperados,
eu, que sempre sofri mais,
não digo que não venhais;
Mas porém a quê, cuidados?

3ª.

Se as penas que Amor me deu
vêm por tão suaves meios,
não há que temer receios,
que val um cuidado meu
por mil descansos alheios.
Ter nuns olhos tão fermosos
os sentidos enlevados,
bem sei que em baixos estados
são cuidados perigosos;
Mas porém, ah! que cuidados!

Carta

que Luís de Camões mandou
a Dona Francisca de Aragão,
com as glosas acima:

Senhora

Deixei-me enterrar no esquecimento de v. m., crendo me
seria assi mais seguro: mas agora que é servida de me
tornar a ressuscitar, por mostrar seus poderes, lembro-lhe
que ùa vida trabalhosa é menos de agradecer que ùa

morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dá, for para ma tornar a tomar, servindo-se dela, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este moto de v. m., ao qual dei três entendimentos, segundo as palavras dele puderam sofrer: se forem bons, é o moto de v. m.; se maus, são as glosas minhas.

046.
Glosa

a este moto alheio:
Tudo pode ùa afeiçãõ.

Tem tal jurdição Amor
n'alma donde se aposenta
e de que se faz senhor,
que a liberta e isenta
de todo o humano temor.
E com mui justa razão,
como senhor soberano,
que Amor não consente dano;
e pois me sofre tenção,
gritarei por desengano:
tudo pode ùa afeiçãõ.

070.
Cantiga

a este moto seu:
De que me serve fugir
da morte, dor e perigo,
se me eu levo comigo?

VOLTAS

Tenho-me persuadido,
por razão conveniente,
que não posso ser contente,
pois que pude ser nacido.
Anda sempre tão unido
o meu tormento comigo
que eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me livrasse,
nenhum gosto me seria;
que, não sendo eu, não teria
mal que esse bem me tirasse.
Força é logo que assi passe,
ou com desgosto comigo,
ou sem gosto e sem perigo.

047.
Cantiga

a este moto alheio:
¿Para que me dan tormento,
aprovechando tan poco?
Perdido, mas no tan loco
que descubra lo que siento.

VOLTAS

Tiempo perdido es aquel
que se pasa en darme afán,
pues quanto más me lo dán
tanto menos siento del.
¿Que descubra lo que siento?
No lo haré, que no es tan poco;
que no puede ser tan loco
quién tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda Amor,
que de tan dulce querella,
a nadie dé parte della,
porque la sienta mayor.
Es tan dulce mi tormento
que aun se me antoja poco;
y si es mucho, quedo loco
de gusto de lo que siento.

044.
Glosa

a este moto alheio:
Sem ventura é por de mais.

Todo o trabalhado bem
promete gostoso fruto,
mas os trabalhos que vêm
para quem dita não tem,
valem pouco e custam muito.
Rompe toda a pedra dura,
faz os homens imortais
o trabalho, quando atura;
mas querer achar ventura
sem ventura, é por de mais.

075.
Cantiga

a esta cantiga velha:
Apartaram-se os meus olhos
de mim tão longe...
Falsos amores,
falsos, maus, enganadores !

VOLTAS

Trataram-me com cautela
por me enganar mais asinha;
dei-lhe posse da alma minha,
foram-me fugir co ela.
Não há vê-los, nem há vê-la,
de mim tão longe...
Falsos amores,
falsos, maus, enganadores!

Entreguei-lhe a liberdade,
e enfim, da vida o melhor:
foram-se, e do desamor
fizeram necessidade.
Quem teve a sua vontade
de mim tão longe?
Falsos amores,
e tão cruéis matadores!

Não se pôs serra nem mar

entre nós, que fora em vão;
pôs-se vossa condição,
que não doce é de passar.
Só ela vos quis leixar
de mim tão longe!
Falsos amores!
...e oxalá que enganadores!

009.

Outras voltas ao mesmo moto

Tudo tendes singular,
com que os corações rendeis,
senão que rindo fazeis
covinhas para enterrar;
e para ressuscitar
em força a graça que tendes;
senão que tendes os olhos verdes.

Tudo, Senhora, alcançais,
quanto ser fermosa alcança;
senão que dais esperança
cos olhos com que matais.
Se acaso os alevantais,
[é para as almas renderdes;
senão que tendes os olhos verdes].

067.

Cantiga

*a este moto seu:
Pus meus olhos núa funda,
e fiz um tiro com ela
às grades de ùa janela.*

VOLTAS

ùia Dama, de malvada,
tomou seus olhos na mão
e tirou me ùia pedrada
com eles ao coração.
Armei minha funda então,

e pus os meus olhos nela:
trape! quebro-lh'a janela.

078.
Cantiga

*a três Damas que lhe diziam
que o amavam*

*MOTO:
Não sei se me engana Helena,
se Maria, se Joana,
não sei qual delas me engana.*

VOLTAS

Ûa diz que me quer bem,
outra jura que mo quer;
mas, em jura de mulher
quem crerá, se elas não crêm?
Não posso não crer a Helena,
a Maria, nem Joana,
mas não sei qual mais me engana.

Ûa faz-me juramentos
que só meu amor estima;
a outra diz que se fina;
Joana, que bebe os ventos.
Se cuido que mente Helena,
também mentirá Joana;
mas quem mente, não me engana.

058.
Glosa

*a este moto alheio:
Todo es poco lo posible.*

Ved que enganos señoera
nuestro juicio tan loco,
que por mucho que se crea,
todo el bien que se desea,
alcançado, queda poco.

Un bien de cualquiera grado,
si de haberse es imposible,
queda mucho deseado,
mas para mucho, alcanzado,
todo es poco lo posible

104.
Cantiga

a ùa mulher que se chamava Grada de Morais

MOTO:

*Olhos em que estão mil flores
e com tanta graça olhais,
que parece que os Amores
moram onde vós morais.*

VOLTAS

Vêm-se rosas e boninas,
olhos, nesse vosso ver;
vêm-se mil almas arder
no fogo dessas mininas.
E di-lo hão minhas dores,
meus suspiros, e meus ais;
e dirão mais, que os Amores
moram onde vós morais.

037.
Glosa

a este moto:

*Sem vós e com meu cuidado
Olha; com quem e sem quem.*

Vendo amor que, com vos ver,
mais levemente sofria
os males que me fazia,
não me pode isto sofrer;
conjurou-se com meu fado,
um novo mal me ordenou;
ambos me levam forçado
não sei onde, pois que sou

sem vós e com meu cuidado.

Não sei qual é mais estranho
destes dous males que sigo,
se não vos ver, se comigo
levar imigo tamanho.
O que fica e o que vem,
um me mata, outro desejo.
Com tal mal e sem tal bem,
em tais extremos me vejo:
olhai com quem e sem quem,

074.
Cantiga

a este moto alheio:
De pequena tomei Amor,
porque o não entendi;
agora que o conheci,
mata-me com desfavor.

VOLTAS

Vi-o moço e pequenino,
e a mesma idade ensina
que se incline ùa minina,
às mostras de um minino.
Ouvi-lhe chamar Amor,
pelo nome me venci;
nunca tal engano vi,
nem tamanho desamor.

Creceu-me de dia em dia
com a idade a afeição,
porque amor de criação,
n'alma e na vida se cria.
Criou-se em mim este amor,
e senhoreou-se de mi:
agora que o conheci,
mata-me com desfavor.

As flores me torna abrolhos,
a morte me determina
quem eu trouxe de minina

nas mininas dos meus olhos.
Desta mágoa e desta dor
tenho sabido enfim,
por amor me perco a mim,
por quem de mim perde o amor.

Parece ser caso estranho
o que Amor em mim ordena,
que em idade tão pequena
haja tormento tamanho.
milagres de Amor,
hei-os de sofrer assi,
até que haja dó de mi
quem entender esta dor.

111. Cantiga

*a este moto que lhe mandou
o Vizo-Rei, na Índia, para
que Luís de Camões lhe
fizesse ùas voltas*
MOTO:
*Muito sou meu inimigo,
pois que não tiro de mi
cuidados com que nasci,
que põem a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!*

VOLTAS

Viver eu, sendo mortal,
de cuidados rodeado,
parece meu natural;
que a peçonha não faz mal
a quem foi nela criado.
Tanto sou meu inimigo,
que, por não tirar de mi
cuidados, com que naci,
porei a vida em perigo.
Oxalá que fora assi!

Tanto vim a acrescentar
cuidados, que nunca amansam
enquanto a vida durar,

que canso já de cuidar
como cuidados não cansam.
Se estes cuidados que digo
dessem fim a mi e a si,
fariam pazes comigo;
que pôr a vida em perigo,
o bom fora para mi.

110.
Trovas

*que Heitor da Silveira mandou ao
mesmo Conde, invernando em Goa*

Vossa Senhoria creia
que não apura o engenho
fome, se é como a que tenho,
mas afraca e corta a veia.
E quem o contrário sente
está farto em toda a hora,
como estou faminto agora.
Mas Marta, se está contente,
dá-lhe pouco de quem chora.

E pois Vossa Senhoria,
em geral, a tudo acode,
acuda a mim, que só
dar-me no engenho valia.
Esperte esta musa minha,
que o tempo traz sonorenta,
valha-me nesta tormenta
com essa doce mezinha
que só dá vida e a contenta.

Acuda com provisão
não de papel, mas provida
de ouro e prata: que esta vida
não sustentam papéis, não.
De feitor a tesoureiro
ser-me hia trabalho grande;
Vossa Senhoria mande
algum remédio primeiro
com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luís de Camões:

Nos livros doutos se trata,
que o grande Aquiles insano
deu a morte a Heitor troiano;
mas agora a fome mata
o nosso Heitor lusitano.
Só ela o pode acabar,
se essa vossa condição
liberal e singular
não mete entre eles bastão
bastante para o faltar.

96.

Trovas

{Vós} sois ùa dama
das feias do mundo;
de toda a má fama
sois cabo profundo.
A vossa figura
não é para ver;
em vosso poder
não há fermosura.

{Vós} fostes dotada
de toda a maldade;
perfeita beldade
de vós é tirada.
Sois muito acabada
de tacha e de glosa:
pois, quanto a fermosa,
em vós não há nada.

De grão merecer
sois bem apartada;
andais alongada
do bem parecer.
Bem claro mostrais
em vós fealdade:
não há i maldade
que não precedais.

De fresco carão
vos vejo ausente;
em vós é presente
a má condição.
De ter perfeição
mui alheia estais;
mui muito alcançais
de pouca razão.

102
Cantiga

a este vilancete pastoril:
—¿Porqué no miras, Giraldo,
mi zampoña como suena ?
—Porque no me mira Elena.

VOLTAS

—Vuelve acá, no estês pasmado,
¡mira que gentil sonar!
—¿Como te podrá mirar quién
no puede ser mirado?

—{¡Y} que bueno enamorado!
¿No dirás, si es mala o buena?
—No, que me hizo mudo Elena.
—Mira tan dulce armonía,
déjate desos enojos.
—Tengo clavados los ojos
con que mirar te podía.
—Así Dios te de alegría:
¿no vés cuán dulce y serena?
—No, porque no veo Elena.

Sonetos, de Luís de Camões

Texto-base:

CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas de Luís Camões. Direção Literária Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

FCCN - Fundação para a Computação Científica Nacional (<http://www.fccn.pt>)

IBL - Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (<http://www.ibl.pt>)

Disponível em: <http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>

Agradecimentos especiais à **Dra. Maria Teresa Perdigão Costa Bettencourt d'Ávila**, herdeira do **Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão** (responsável pela direção literária da obra-base), que gentilmente autorizou-nos a publicação desta obra.

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.